



Teologia Brasileira

Nº 93 | 2022 ISSN 2238-0388

Israel voltando para casa 4
Frans Leonard Schalkwijk

Amós, cristianismo e Estado laico —
exegese e reflexões 20
Lucas André

Povo de Deus: quem são os evangélicos
e por que eles importam 36
Valmir Milomem

Jesus e John Wayne entre os deploráveis:
quando o ativismo se disfarça como história 47
Michael Young

Lançamentos 60



VIDA NOVA

Teologia brasileira, uma produção de Edições Vida Nova

A Revista Teologia Brasileira tem o objetivo de proporcionar um espaço para discussão e produção de teologia que seja bíblica, confessional, relevante, sensível e aberta ao diálogo sobre temas que contemplem a realidade de nosso país. Para isso, contamos com o apoio de uma equipe que, em contato com pesquisadores, pastores, mestres e escritores, torna possível a veiculação de conteúdo que estimule a reflexão bíblica e teológica.

Conselho editorial

Me. Franklin Ferreira e Dr. Jonas Madureira

Coordenador de produção:
Sérgio Siqueira Moura

Revisão:
Eliel Vieira

Contato:
teologiabrasileira@vidanova.com.br

Editorial

Está disponível mais uma edição da revista Teologia Brasileira!

Nesta edição, apresentamos um texto de Frans Leonard sobre a mais recente obra de Franklin Ferreira: *Por amor de Sião*. O livro é fascinante em diversos aspectos visto que é carregado de informações e discussões importantes a respeito do relacionamento entre o povo do primeiro pacto e o da nova aliança.

Já o artigo de Lucas André objetiva verificar a dinâmica de atribuição dos valores cristãos dentro da defesa do Estado laico. O autor, inicialmente, faz uma exegese do livro de Amós indicando de que maneira os valores bíblicos então inseridos no apelo à justiça e ética no povo de Israel.

Valmir Milomem, por sua vez, analisa com esmero o livro *Povo de Deus: quem são os evangélicos e por que eles importam* do autor Juliano Spyer.

Por fim, Michael Young escreve criticamente sobre a recente publicação de Kristin Kobes Du Mez, *Jesus and John Wayne*. O artigo começa explicando os argumentos e as influências presentes na obra de Du Mez e afirmando como são inadequados e contraditórios.

No vídeo desta edição, disponibilizamos uma palestra apresentada durante o 9º Congresso de Teologia Vida Nova. G. K. Beale explora como os autores bíblicos do Novo Testamento fazem uso de passagens do Antigo Testamento.



Assista ao vídeo!

Boa leitura!

Israel voltando para casa

Frans Leonard Schalkwijk



Israel ocupava, ocupa e ocupará um lugar estratégico na história da salvação. *Ocupava*, porque Deus disse ao patriarca Abraão: “E todas as famílias da terra serão abençoadas por meio de ti” (Gn 12.3). *Ocupa*, porque o nosso SENHOR e Salvador é “Jesus Cristo, filho de Davi, filho de Abraão” (Mt 1.1). E *ocupará*, porque o Messias disse que não voltará “até que venhais a dizer: Bendito o que vem em nome do SENHOR” (Mt 23.39). E Deus é fiel.



A história de Israel é como um fio vermelho que perpassa a história da salvação e, por isso, pela história da igreja e pela história geral. Estamos vivendo um período especial nestas três histórias, que são como círculos concêntricos, cujo centro é Deus e Sua Palavra salvífica aos filhos de Adão e Eva (Gn 3.15). E estamos vivendo em um período histórico especial, porque Israel, esse povo arcaico com raízes mais antigas do que Hamurabi, ainda existe e, além disso, agora está voltando para casa, depois de uma diáspora “recente” de quase dois milênios.

Vamos imaginar que um certo Samuel Chaim, um pobre judeu idoso de Amsterdã, está chegando em um voo da El Al, no aeroporto de Tel Aviv. Cada ano, na mesa da Páscoa, ele sempre dizia: “No próximo ano, em Jerusalém”. E, finalmente, agora, ele aterrissou na Terra Prometida. Não chegou em uma faixa desértica como era antes. Mas no Estado organizado, tendo aquela cidade querida como sua capital nacional. O senhor Samuel sabe que alguns dos seus conhecidos cristãos pensam que uma profecia de Yeshua se cumpriu em 1967, quando, depois de serem atacados, os judeus reconquistaram Jerusalém. E ele se lembra que o rabino do exército disse que entraram na “era messiânica”. Mas esse *olim* (imigrante) descobriu que este tempo não é chegado, pois quase foi preso quando queria orar naquele lugar mais sagrado, o lugar onde tinha estado o templo do Eterno. E o ódio nos olhos do guarda palestino era o mesmo que ele tinha detectado no olhar daquele iraniano em Amsterdã, que apontava para seu *kippah*. Imediatamente ele se lembrou que tinha ouvido algo sobre uma luta de um anjo importante contra o líder supremo de Irã (Dn 10.21), e ficou arrepiado, apesar de ser um dia quente. “Será que não devia ter vindo para cá? Será que Jerusalém seria uma concentração judaica, alvo fácil de extermínio?” Apesar disto, ele tranquilizou seu pensamento, lembrando que havia sentido claramente que devia fazer *aliyah*, e subir para Jerusalém; até mesmo com confirmação do pessoal gentil da organização “Cristãos para Israel”, que havia ajudado a completar o valor da passagem. Novamente a paz voltou ao seu coração quanto a decisão. Como a mulher dele teria se alegrado! Teria se sentido em casa.



O livro de Franklin Ferreira, *Por amor de Sião: Israel, Igreja e a fidelidade de Deus*, é uma publicação fascinante, com muitas informações desconhecidas sobre uma discussão fraterna a respeito do relacionamento entre o povo do primeiro pacto com o da nova aliança. Talvez este livro nos ajude também a ouvir as notícias sobre Israel com mais interesse, e prestar atenção ao possível cumprimento das profecias. Porque a melhor interpretação das profecias ainda é seu cumprimento, como os discípulos do SENHOR Jesus também descobriram (Jo 2.22). E não precisa ser dispensacionalista para aguardar o cumprimento do “até” profético sobre a volta do Rei (Mt 23.39; 28.29). Sem dúvida podemos ter diferenças de

interpretação, mas concordamos sobre três pontos básicos com Franklin: em primeiro lugar, a Igreja não é o substituto de Israel, mas foi enxertada no tronco; em segundo, Israel está voltando para sua terra prometida; em terceiro, aguardamos grandes bênçãos depois desta volta. No momento, o mais visível destes três pontos é a volta em curso há mais de um século; este é um fato da história geral. Mas, será que essa volta dos judeus¹ teria alguma importância para a história da igreja e, quem sabe, até funciona no círculo da história da salvação? Pois assim, não seria um “sinal do tempo”?

Um sinal do tempo? Mas alguém poderia dizer, meio zombando, “nem ouvi a trombeta tocar”. Honestamente, nem eu. Mas eu acredito que algum *shofar* tocou para os judeus; se não, nem estariam vindo.

E que foi um jornalista, Theodor Herzl, que tocou a trombeta não faz diferença. No passado Deus usou até Ciro, o rei do antigo Irã!

Quando tivemos a honra de servir no oeste do Paraná, morávamos em Cascavel, atrás da escola presbiteriana. Do meu escritório, eu podia ver a criançada brincando no pátio. Certa vez percebi que os maiores já tinham desaparecidos. Eu não havia escutado que a primeira campanha tinha tocado para eles. Mas também nem precisava ouvir; não era da minha conta. O que um não-judeu teria de fazer ao ouvir a trombeta tocar para Israel? No máximo devia ajudar os judeus “fazer a *aliyah*” (Is 49.22). Mas vendo estas famílias afluindo de todos os lados, isto deve chamar a atenção; é um sinal no nosso tempo para todo o mundo ver (Is 43.5-8; Jr 31.8-10). Um sinal de outra categoria, mais importante do que as notícias normais sobre o tempo, política ou esporte.

Porém, há pessoas que têm, mas, no momento, não percebem. Às vezes até na igreja, e isso não por falta de fé ou por não querer, de forma alguma, mas simplesmente por não notar que hoje a situação é um pouco diferente do que pensávamos por muito tempo. É que a história progrediu, também a história da salvação.

Certo dia alguém queria me convencer do Reino de Deus de mil anos aqui na terra, apontando para o que o apóstolo Tiago falou naquele primeiro sínodo da igreja cristã. Não é que Tiago disse que Deus reconstruiria o “tabernáculo

¹População de Israel em 1948 ca. 800.000; em 2022, ca. 9.500.000 (7.000.000 judeus; 2.000.000 árabes palestinos).

de Davi” (At 15.16)? Mas, no contexto, é claro que esse versículo não fala do futuro, mas daquele presente, mostrando que os gentios crentes fazem parte desse novo templo de Davi. E, sob a orientação do Espírito Santo, a assembleia decidiu que esses “gentios” devem obedecer ao Decálogo e à ordem de não comer sangue (Gn 9.4). Mas, não sendo judeus, não precisam das festas e das leis cerimoniais, e até nem da circuncisão, pois ela é o sinal específico da aliança de Deus com os descendentes de Abraão (Gn 17.9). E, por outro lado, é claro, que judeus não se tornam gentios quando vêm a Jesus!

Não, o que me fez pensar um pouco diferente sobre o futuro não foi Atos 15, nem Apocalipse 20, mas Levítico 23. Lá começa a descrição de sete festas, quase todas ligadas ao ciclo da agricultura no hemisfério norte. Mas, atenção, como o SENHOR as apresentou: “São estas as festas fixas do SENHOR...”. Estas festas não são simplesmente “festinhas” judaicas, por mais animadas que sejam, mas festas divinas, tempos santos em lugares santos (Hb 8.5). Quatro mais três festas em dois ciclos anuais. Elas funcionam como “figuras” na lei cerimonial, que apontam para seu cumprimento no Messias (Hb 9.24). Neste vale de lágrimas, é como a sombra de uma pessoa que está se aproximando, vindo do lado da luz. Jesus é o “corpo” que lançou a “sombra” dessa lei (Cl 2.17). São festas cristológicas.

As quatro festas do primeiro ciclo já se cumpriram com a vinda do Cordeiro de Deus nesta terra. Será que as festas do segundo ciclo se cumprirão também? Com certeza, pois são as festas do Deus *Fiel*. Mas aqui na terra? Depois de um longo tempo de espera, o segundo ciclo começa com a *quinta festa*, a *festa das trombetas* (dia primeiro do sétimo mês). Na sinagoga, este é o início dos dez “dias tremendos”, com o som do *shofar* conclamando o povo para se preparar. Assim nós aguardamos o cumprimento desta primeira festa do mês sétimo: o megafone divino, tocado, não para anjos, mas para os moradores da terra.

Quanto tempo seriam na história da salvação esses dez dias de toque de *shofar*? Lembrando-se como Pedro disse que, para Deus, um dia é como mil anos, alguém que defende uma interpretação mais literal poderia dizer que indica um período de 10 multiplicado por 1.000 anos. Pode ser, porém, pessoalmente creio que não é assim, mas, como for, tantos dias significa que Deus somente espera para que todos se convertam (2Pe 3.8,9). Porém, finalmente, depois de tantas trombetas e de tantos avisos, soará a *última*, e sairá o Sumo Sacerdote do santuário, finalizando as cerimônias do *dia da expiação*, a *sexta festa*, o *Yom Kippur*

(dia dez do sétimo mês), para abençoar o povo da aliança da graça. Para este ato, Jesus espera o momento determinado pelo Pai, em que “aparecerá segunda vez” e os seus pés estarão não sobre o limiar da porta dos céus, mas “sobre o Monte das Oliveiras”, aqui na terra (Hb 9.27; At 1.11; Zc 14.4). Assim a primeira e a sexta festas estão ligadas intimamente, englobando os seis dias de trabalho do Cordeiro de Deus (Ap 5.5). E, somente depois de terminar o dia da expiação, o *Yom Kippur*, poderá começar o sétimo dia, o *shabat* jubileu!

Esta sétima festa se chama *Sucote*, a Festa dos Tabernáculos (dia quinze do sétimo mês). Poderíamos compará-la com uma semana de acampamento de férias. Apontando para que época? Para um milênio de plenitude de tempo de 10 multiplicado por 10 multiplicado por 10 anos, ou para a nova terra? O que quer que seja, para se chegar à uma situação de paz como esta, só o SENHOR estando presente pessoalmente! E será para crentes tanto da antiga como da nova dispensação desta aliança da graça (Mt 17.4)! E, quem sabe, em vez de declarar o que “não-é”, um “a-milenista” podia se dizer que é “*sucotista*” (ou “*skenista*”, se preferir a palavra grega usada em João 1.14). E, quem sabe, a festa começaria no aniversário exato de Jesus Cristo que, na plenitude do tempo, “tabernaculou” entre nós por alguns anos.

Mas, por enquanto, aguardemos o soar das muitas trombetas (talvez inclusive pandemias, dias escaldantes e guerras). E, somente ressoada a *última* trombeta, o SENHOR virá.



Reconhecemos que a *revelação é progressiva*, quer dizer, que, através da história, Deus mostra aos seus filhos as grandes verdades, pouco a pouco. Como, por exemplo, o substituto no monte Moriá e a chegada pessoal do Cordeiro de Deus nos mostram. Este progresso é uma verdade objetiva, mas existe também o lado subjetivo, que nosso entendimento das verdades de Deus pode aumentar através dos anos. Isto é verdade na vida individual, mas também coletiva, inclusive na igreja de Deus.

Esta revelação progressiva não significa que a graça da aliança no Antigo Testamento era outra. Não faz diferença se você mora em frente ou atrás da usina de eletricidade. O que importa que esteja ligada! Salvos pela graça, desde Gênesis 3.15. E, pela graça, a promessa sempre é para você e seus filhos, inclusive para

nós crentes individualistas no século 21. Deus pensa em famílias. Mesmo quando choram com um pouco de medo, nossos pequeninos são salvos sob o sangue do Cordeiro, à porta; mas, claro, depois de crescer terão de aplicar esse sangue em sua própria casa. E quem não quer ficar dentro do círculo da aliança da graça?

Pensando na volta atual dos judeus para a Terra Prometida, entendo que uma trombeta tocou para Israel e que o resultado deve ser notado pelos povos não-judeus. E mais ainda pela igreja de crentes “gentios”: atenção, irmãos, pois é uma alerta para nós que o tempo está se esgotando, inclusive o tempo da graça para os gentios (Lc 21.24). E se essa volta não nos pode convencer, quem sabe ajuda lembrar que até Isaías tinha profetizado o aparecimento súbito do estado quando perguntou se uma terra, um país, um estado pode nascer “em um só dia” (Is 66.8). Era uma pergunta profética, e uma profecia não é a mesma coisa que um relato histórico do que foi falado pelo profeta. Tem outra dimensão. David Ben-Gurion, o próprio fundador do Estado de Israel, no dia 14 de maio de 1948, o considerou também como um milagre, acrescentando: “Quem não acredita em milagres não é realista”.

Mas, se for assim, por que, então, não notamos antes? É que, como criaturas, estamos vivendo em tempo e lugar. De longe é difícil de ver as coisas. Mas, mais perto, dá para perceber tudo mais nitidamente. No decorrer dos anos, a nossa salvação está cada vez um pouco mais perto (Rm 13.11) e, por isso, quem sabe, podemos ver e reconhecer um pouco mais do que no passado. Quem insiste que não mudou nada, está olhando uma fotografia que captou fielmente a situação de uns tempos atrás. Mas olhe pela janela do avião “tempo” com sua Bíblia aberta. Não somente a história geral progrediu, mas também a história da salvação. Até há gente que diz que, hoje em dia, o tempo está voando. Se for assim, nós voamos com ele.



Com razão alguém poderia perguntar: “Mas será que esse dito ‘sionismo cristão’ é realmente *ortodoxo*? Será que está conforme as nossas confissões de fé?” O fato é que nem João Calvino, nem nossas confissões e catecismos, como a Confissão Belga e o Catecismo de Heidelberg, nem a Confissão Escocesa, nem a Confissão e Catecismos de Westminster tratam sobre detalhes de como vai ser a vinda do SENHOR

E isto é sábio, porque não convém amarrar as consciências em pontos incertos. O que está certo é que cremos “na ressurreição do corpo e na vida eterna”. Não quer dizer que os autores desses documentos confessionais tinham perdido Israel de vista. Quantos rabinos ajudaram durante a tradução fiel da única norma de fé e vida, a Bíblia! E, na Escócia, havia rabinos ensinando hebraico nos seminários presbiterianos!

A Reforma tinha ocorrido no século 16, e a sã doutrina sobre a soteriologia foi ensinada fielmente. Décadas depois, em alguns casos, isto terminou por conduzir a uma certa frieza doutrinária, uma concordância intelectualista com a fé. Mas no século seguinte, o puritanismo, na Inglaterra (William Perkins), enfatizava de novo o que os reformadores tinham pregado também, a saber, que uma fé bíblica deve levar a uma vida santificada. *Orto-doxia* andando de mãos dadas com *orto-praxia*. Nesse mesmo tempo havia muito contato entre a Inglaterra e a Holanda, inclusive pela ameaça da Espanha, como no caso da Invencível Armada, em 1588. Assim, por volta de 1600, esta onda purificadora chegou também aos Países Baixos, influenciando em seguida a Alemanha, por volta de 1650 onde tal onda seria chamado de pietismo. Na Holanda se usava geralmente a expressão “segunda reforma” (*nadere reformatie*). Em toda essa onda de avivamentos havia interesse por Israel, aguardando a sua volta à terra prometida e sua conversão a Jesus Cristo como ensinou Wilhelmus à Brakel.

De fato, cada época tem seus próprios desafios, inclusive pelo desenvolvimento da história geral. Parece que hoje entramos na época das trombetas, ou, pelo menos, do ensaio delas. Por isso, é necessário pensarmos seriamente sobre a escatologia, mas sempre no contexto da teologia em geral, especialmente em relação à eclesiologia, para não mancarmos. “Desviar” não é uma tendência nova, mas vem da primeira tentação diabólica. Por um lado, o pai da mentira e dos mentirosos tirou parte da Palavra do SENHOR. Por outro lado, ele acrescentou algo, fazendo nossos primeiros pais crerem que o conhecimento, a ciência, era mais importante do que a obediência. Desde a Queda, esta tendência existe no homem, e existirá até a consumação dos séculos. A nossa tendência é (e, de fato, o fazemos, às vezes), de desviar para a esquerda ou direita, tirando da ou adicionando à sua Palavra, em todas as áreas da vida: no pensar, falar e fazer, muitas vezes disfarçado, mas sempre presente, latente ou patente. Não é difícil desviar, o difícil é andar direito (Is 30.21).

Esta tendência de desviar-se também se apresenta na área da teologia, ou seja, do nosso pensar sobre Deus e sua revelação, doutrina e ética (*credenda et agenda*). Por isso temos certeza de que esta tentação pode aparecer em todos os capítulos (*loci*) da teologia, seja, por exemplo, na teontologia, na pneumatologia, na eclesiologia ou na escatologia. Por isso temos de vigiar e orar (Mt 26.41), para que sejamos fiéis à Palavra fiel, e que tenhamos sabedoria para detectar possíveis ou, melhor, prováveis desvios. Como bons timoneiros, sob o grande Capitão, precisamos notar os ventos doutrinários e as correntezas (Ef 4.14).

O motivo principal da Reforma era corrigir os desvios na igreja romana. *Reformar* a forma *deformada*. Os reformadores não queriam uma outra igreja, mas a mesma igreja diferente. Por isso, uma vez expulsa da *romana*, a igreja protestante era de fato uma *Igreja Católica Apostólica Reformada*, como João Ferreira de Almeida insistia, seguindo o puritano inglês Perkins. Porém, por si mesma, a igreja não tem garantia de permanecer uma igreja fiel à Palavra de Deus. Vimos isto claramente durante a época do racionalismo e até no dia de hoje. Cada geração deve aprender a vigiar. Mas sempre na paz do SENHOR (2Ts 3.16), para não ver fantasmas em todo canto, tornando-nos agitados e ásperos caçadores de heresias. Porque muitas vezes esses desvios são quase imperceptíveis no início, e nem sempre causados conscientemente, às vezes até por ingenuidade. Além disto, podem ser simplesmente como pequenas oscilações ao redor do eixo firme, segurado no seu trajeto terrestre pelo polo norte celestial da nossa existência: Deus mesmo e sua Palavra. Mas, por ingênua que seja a oscilação, toda atenção é pouca, pois o diabo não dorme e as sentinelas têm serviço 24 horas por dia, até a chegada ao porto celestial. Contudo, não estão de plantão sozinhos, pois há muitos voluntários (Sl 110.3) que querem servir fielmente ao SENHOR dos senhores. E o que é muito mais importante, é que Deus mesmo guardará a sua casa (Sl 127.1; Mt 16.18; Hb 3.6). Por isso, as sentinelas precisam aprender aceitar a correção mútua (Pv 12.1) e dormir em paz, sabendo que estão sendo guardados pelo próprio Deus fiel (Sl 4.8; Fp 4.7), inclusive nos seus estudos sobre o Dia do SENHOR, a escatologia.



Mas será que esse falar sobre Israel é sério mesmo? Ou, somente, uma *futurologia* de uns fanáticos com especulações perigosas? Uma futurologia séria usa dados de pesquisas (às vezes científicas), por exemplo, para poder projetar o crescimento do mercado. Mas aqui não partimos de levantamentos e pesquisas, mas das promessas certas do Deus Fiel (Jr 33.25s). E Deus aguarda o nosso “amém” de crente, até havendo perguntas (2Co 1.20). E perguntas são permitidas (Mt 24.3).

Às vezes, profecias bíblicas são como uma flor que vai se abrindo muito devagar. Inicialmente, poucos imaginavam que aquele botão podia conter algo tão bonito. Já levou muito tempo essa conversa fraterna sobre promessas para Israel. Sempre havia uns que insistiam que havia ainda algo para os descendentes de Jacó, mas a maioria dos intérpretes sinceros não podia ver isto, dando uma interpretação espiritual a quase todas as promessas sobre um possível futuro para Israel depois de Cristo. Mas, hoje em dia, após aquela hecatombe satânica no próprio país da Reforma, entre 1933 e 1945, e depois do nascimento do Estado de Israel, em 1948, e especialmente depois da reconquista de Jerusalém, em 1967, os olhos se abriram mais, e viram pelo cumprimento que havia ainda promessas para o povo da antiga aliança (Ez 37). Mas, às vezes, não queremos ver. E há um dito que *a man convinced against his will is of the same opinion still*. Reconhecemos que 1967 foi um passo enorme, mas não completo ainda, pois o chão mais santo em Jerusalém não está sob o controle de Israel. E, exatamente ali, no lado de fora daquela mesquita com teto de ouro, se lê — embora honrando Jesus com palavras — que Deus não tem um filho! Este é o campo mais disputado do mundo. Lembramos que o SENHOR disse pelo profeta pós-exílico Zacarias: “Naquele dia farei de Jerusalém uma pedra pesada para todos os povos; todos os que tentarem erguê-la serão gravemente feridos. Todas as nações da terra se ajuntarão contra ela” (Zc 12.3). Quem trará a paz ante-final para Jerusalém? Os recentes “Acordos de Abraão”?² Algum político? Ou o anticristo?

Sem dúvida, porém, no trânsito da vida há perigos em todo canto, também na corrente do “sionismo cristão”. E, historicamente, o maior perigo seria talvez um certo radicalismo. É interessante que o autor do livro é diretor do Seminário

²Os “Acordos de Abraão”, assinados em 15 de setembro de 2020, entre Israel (judaísmo), Estados Unidos (cristianismo) e Emirados Árabes Unidos (islã), negociados principalmente por Jared Kushner, neto de judeu polonês sobrevivente do holocausto, que se tornou conselheiro e emissário do presidente Donald Trump, dos Estados Unidos.

Martin Bucer. Depois de ler o livro dele, creio que Bucer (por volta do ano 1540) teria entendido melhor as conclusões deste pastor batista reformado. Mas, ao mesmo tempo, teria alertado contra um possível radicalismo posterior: “Porque aqui na cadeia em Estrasburgo temos um tal de Melchior Hoffman. A pregação dele levou à revolta de Münster. Quantas lágrimas vertidas naquela Nova Jerusalém construída por pecadores!” Nem Bucer nem o autor teriam participado de algo assim. Pois esses teólogos sabem que “obediência é melhor do que o sacrificar” e que existe somente um meio para “acelerar” o Dia: viver uma vida santa e pregar fielmente, porque Deus quer que todos cheguem ao arrependimento (2Pe 3.9-12). E Bucer sabia também que muitos desses “ana-batistas” nem queriam revolta, mas somente procuravam ser obedientes a Deus e à sua Palavra. E foi ali, entre aquela gente, humilde e aristocrática, que queria servir ao SENHOR de todo o coração, que Calvino achou sua esposa.

Mas, de fato, existe a chance de exageros e desentendimentos. Por isso, quem sabe, seria melhor nem falar sobre a volta dos judeus ou publicar algo a respeito? Entendo o perigo e apoio completamente o cuidado para evitá-lo. Mas, por outro lado, querendo ou não querer, somos atalaias, que — e atalaias não se podem calar. Sem dúvida, certos trechos proféticos requerem uma interpretação espiritual, mas nem todos. Até o grande teólogo reformado holandês Herman Bavinck lutava com esse problema hermenêutico, solucionando-o por meio da espiritualização. Assim, nem os pronunciamentos de aspecto temporal, os “até” do SENHOR Jesus (cf. Mt 23.39; 28.29), podiam convencê-lo da possibilidade de um futuro concreto, aqui na terra, dando assim, sem querer, ao “*a*-milenianismo” quase um *status confessionis*. O que sem dúvida acontece também no lado quiliasta, especialmente com a própria Bíblia de Scofield revisada em mãos. Podemos estar convencidos da nossa opinião, mas temos de ficar abertos para surpresas, como Calvino o fez. E isso não por um relativismo dogmático (confessado e/ou praticado), mas porque quem está na direção é o Senhor da História. E é exatamente isto que tem *status confessionis*.



Finalmente uma palavra sobre os *palestinos*. Karl Barth, expulso da Alemanha pelos nazistas, disse que “o homem que tem vergonha de Israel tem vergonha de Jesus Cristo”. Mas quando a perseguição (inicialmente branda) se levanta, será

que temos coragem de falar ainda? A opinião pública sobre Israel está mudando rapidamente e já exerce pressão. Uns setenta anos atrás a maioria das pessoas apoiavam os judeus, talvez pela consciência coletiva pesada diante da passividade durante o Holocausto.³ Porém, desde o início do novo milênio a situação mudou muito, mormente em consequência da guerra de 1967 quando os vizinhos árabes muçulmanos estavam decididos em apagar Israel do mapa. Por milagre, desta vez Israel escapou ainda, até empurrando o inimigo bem mais forte para além do Jordão. Isso, sem querer, transformou a IDF (*Israel Defence Force*, Forças de Defesa de Israel, o nome oficial das forças armadas do país) num exército de ocupação da metade da sua própria Terra Prometida.

Como resolver esse problema? Desocupar essa metade do seu país para que Israel volte a ser uma faixa litorânea com somente uns 15 km de largura no ponto mais estreito? Ou seja, retirar-se atrás da fronteira *antebellum*, como exigido? E, assim, abrir espaço para a organização de um estado palestino que, em pouco tempo se transformaria numa segunda faixa de Gaza? Em 2005, Israel desocupou essa “Filisteia” livremente, mas logo ela se tornou uma faca apontando para o coração judeu sob direção do Irã, com o Hezbollah, no sul de Líbano, sendo como uma bomba iraniana por cima da cabeça israelense. O muro em Belém, com seus *check points* vagarosos, não foi construído para deixar de fora os trabalhadores e visitantes, mas os terroristas. Sem dúvida, a maioria da população palestina quer paz, mas seus líderes não.⁴ Ao contrário, incentivam os ataques contra Israel, pagando uma boa pensão para as famílias (a maioria pobre) cujo parente foi “martirizado” em uma tentativa de matar judeus. Mártir, morto ou preso. E boa parte da contribuição internacional para os antigos refugiados é empregada para projetos semelhantes. Assim, o Departamento de Educação publica livros que ensinam ódio contra seus vizinhos israelenses, de sorte que o governo da Autoridade Palestina dispõe de um exército complementar de crianças e jovens, e ainda podem acusar Israel de matar menores.⁵ Pelo mesmo motivo, nunca quiseram realmente

³Eliezer Wiesel, sobrevivente do Holocausto, afirmou: “O cristão sincero sabe que o que morreu em Auschwitz não foi o povo judeu, mas o cristianismo”.

⁴Joh. Gerloff, *Die Palästinenser. Volk im Brennpunkt der Geschichte* (2011, Hänssler).

⁵Itamar Marcus, “The Palestinian authority’s strategy against Israel”, em *Jerusalem Post*, em 3 de fevereiro de 2022.

resolver o problema dos 800.000 refugiados palestinos causado pela guerra de independência de 1948, apesar do fato que, ao mesmo tempo, quase o mesmo número de judeus foi expulso de países árabes. É que não querem resolver o problema, para usá-los como peões na tábua de xadrez político. E as Nações Unidas lhes pagam para manter esse espaço, agora com quase 3,5 milhões de pessoas, com muitos possíveis guerreiros.

Palestinos são árabes, que ocuparam Jerusalém de 638 até 1917. Árabes e judeus, ambos os povos são descendentes de Abraão, Ismael e Isaque. Mas um descendente foi escolhido, o outro descendente não (Gn 21.12). Esta eleição foi uma predestinação para que um deles recebesse graciosamente a honra de ser como um elo na corrente da bênção salvadora, a saber, ser um dos progenitores do Salvador prometido, o SENHOR Jesus, quem vem de Israel. Agora, infelizmente, ali no umbigo da terra (Ez 38.12), há uma briga entre parentes. Especialmente, desde 1900, é Ismael contra Isaque. Apesar da Declaração de Balfour, de 1917, a Inglaterra não se manteve leal durante seu mandato de 30 anos, impedindo a sobreviventes do Holocausto de entrar naquela faixa litorânea estreita.⁶ Era basicamente por causa do petróleo em que os árabes estão sentados. Ismael-não-eleito era de fato o primogênito, com direito a, pelo menos, uma dupla herança, e foi abençoado com muitíssimas terras no globo, com milhões de habitantes,⁷ e muitos votos em organizações das Nações Unidas. Ao contrário, a Israel-eleita é minúscula e apanha no galinheiro dos povos. Quem sabe podemos entender o suspiro daquele pobre sitiante judeu na Ucrânia russa no filme *Um violinista no telhado*: “Sei que somos seu povo escolhido, mas ó Deus, o SENHOR não poderia escolher outro?!”

Para quem seria mais difícil acreditar que essa volta dos judeus é bíblica? De certo, para os palestinos cristãos, e não são poucos.⁸ E isto é quase impossível para eles, porque eles creem firmemente que a igreja é a substituição de Israel como povo da nova aliança. Pois é isso que aprenderam dos seus pais na fé. E crer no oposto faria deles inimigos políticos do próprio sonhado estado da “Palestina”.

⁶Leon Uris, *Exodus* (Rio de Janeiro: Record, 2018).

⁷O “mundo árabe” tem 640 vezes mais superfície que Israel e 50 vezes mais habitantes.

⁸Cristãos Palestinos, no ano 2000, mundialmente estimados em 500.000 (= 6% do total de Palestinos), dos quais 56% morava fora de Palestina (Wikipedia, *Palestinian Christians*).

Por isso, às vezes, a perseguição vem de dois lados, como a família luterana Nasser experimentou, em 2022. Eles são proprietários de um sítio perto de Belém chamado *Tent of Nations*. Os judeus mal querem registrar o antigo direito de propriedade deles e os próprios compatriotas palestinos bateram tanto neles que acabaram no hospital. Por quê? Porque procuram amizade com Israel, como sua placa confessa: “nos recusamos a ser inimigos”.

Perseguição contra Israel experimentam também os que a apoiam, como a organização “Cristãos para Israel”, cujo braço comercial vende produtos de Israel. A tensão chega até ao nível universitário. Seus inimigos usam inclusive meios legais para conseguir seu intento, como pesquisas quase obrigatórias sobre quem está ajudando Israel. Pode servir depois na preparação de contramedidas. Foi assim que Hitler ganhou as eleições em 1933 — por meios democráticos.

Ben-Gurion observou que o maior desafio seria resolver esse dilema perigoso. Infelizmente a tentativa de ajudar os palestinos com desenvolvimento econômico também está sendo boicotado. Até líderes cristãos viajam para outros países para convencer igrejas irmãs de apoiar o movimento BDS: *Boycot, Desinvestment, Sanctions* contra Israel.⁹ E, assim, essas igrejas podem influenciar seus governos, por meio de políticos evangélicos simpáticos ao antissionismo. Na Holanda, uma comissão do partido CDA (Apelo Democrático Cristão) publica regularmente um boletim bem documentado, informando sobre os erros recentes de Israel contra os palestinos. E isso é fácil, porque Israel é composto por pecadores. De fato, aos seus inimigos não falta sagacidade para “judiar e prejudicar” (2 vezes “juda/judeu”) a Israel. E a imprensa, ávida por notícias, se alegra. Pois há um dito entre repórteres: *No jews, no news*. Sou filho da guerra, e entendo a resistência dos palestinos contra invasores, porque alguns dos nossos próprios parentes lutaram contra os nazistas, e meu pai ajudou judeus. Entendo que os palestinos consideram 15 de maio 1948 como o dia do *nakba*, a maior catástrofe. Mas terminando o mandato britânico, como devia-se encher a lacuna de autoridade? A proposta das Nações Unidas foi dividir a área em dois estados, uma “Autoridade” para os palestinos, outra para os judeus. Israel aceitou, os árabes a rejeitaram. É que o islã é uma religião política-religiosa. Para eles, o mundo está dividido

⁹Johanan Katanacho, *The land of christ: a palestinian cry* (Eugene: Pickwick, 2013).

em duas partes: a “casa do islã” com paz, e a “da guerra” (dar al-harb) com jihad; uma vez islamizada certa região, nunca pode voltar ao estado anterior. Por isso, a resposta era um “não” categórico. Teria outra opção? Uns cristãos e também alguns judeus dizem que a volta está certa, mas a organização de um estado errada porque devia esperar a presença do Messias. Porém, será que um estado “Palestina” iria permitir a volta dos judeus em massa, inclusive milhares de refugiados ucranianos fugindo do seu “país do norte” (2022; Zac 2.6)?

Mas, ó, SENHOR, se os palestinos (que tiveram o privilégio de morar na terra de Abraão por tantos séculos) pudessem reconhecer que *Israel* está voltando para a terra prometida a *Isaque*, também *Ismael* seria abençoado junto com a prole revivida de *Jacó*! E que os israelenses pudessem obedecer ainda mais a ordem do Eterno de tratar os árabes palestinos em seu país como a si mesmos (Lv 19.33,34)! Pois, sem querer e de repente, desde 1967, estes se tornaram quase como “estrangeiros” na sua própria terra natal!



Este livro nos faz ouvir as vozes de muitos irmãos, especialmente da época da pós-Reforma até hoje. Teólogos que apontam para o cumprimento de várias profecias, sem dar a impressão de que a Palavra de Deus seja como um roteiro fixo de uma viagem de ônibus. E todos ecoam o “vigiai”, pois o tempo está próximo, como o era nos dias de Noé. Por isso, oramos para que esta leitura possa ajudá-lo a conduzir seu vizinho para seu relógio e, em seguida, para a arca da salvação, a fim de que ele e sua família tenham tempo de se preparar para o Dia do Senhor (1Pe 3.20).

Finalmente uma história interessante. No final de 2021, um voo da El Al aterrissou no aeroporto de Tel Aviv com 235 judeus a bordo. Vieram de Assam, a parte mais oriental da Índia. Os antepassados deles tinham sido deportados pelo rei da Assíria e, agora, mais de 2.700 anos depois, seus descendentes ainda sabiam o que eram: Bnei Menashe, Filhos de Manassés, voltando para sua terra ancestral! Ao mesmo tempo, a chegada deles é uma admoestação séria. Porque foi em 727 a.C. que o rei crente Ezequias fez uma campanha de evangelização e escreveu cartas convidando todo o povo a vir a Jerusalém para celebrar juntos a Páscoa.

Mandou cartas com seu selo real não somente para Judá, mas também para às outras dez tribos de Israel, sob reis idólatras. Mas lá, eles riram dos mensageiros. E ninguém sabia que esta era a última campanha de evangelização, porque cinco anos depois Israel foi levado cativa para Assíria, em 722 a.C. Mais de sete séculos depois, na hora da apresentação do nenê Jesus no templo, lá estava uma profetisa idosa, Ana, da tribo Aser, vizinha de Manassés. Como ela chegou a morar em Jerusalém? Será que seus antepassados estavam entre aqueles que tinham obedecido ao apelo de Ezequias (2Cr 30.11)? Em 2015, a arqueóloga Eilat Mazar achou, em um montão de lixo fora do muro de Jerusalém, um pequeno selo de 1 cm — era um selo do rei Ezequias!¹⁰

O apóstolo Paulo escreveu que “endurecimento veio em parte sobre Israel, *até* que chegue a plenitude dos gentios” (Rm 11.25). Outro “até” promissor e alertador, que aponta para um futuro certo, mas de data aberta.

A velocidade da história é como a velocidade do homem. Trezentos anos antes de Cristo a maior velocidade do conquistador Alexandre, o Grande, era de uns 40 quilômetros por hora, a cavalo. Mais de 2.000 anos depois, a velocidade maior do conquistador Napoleão era ainda a mesma. E, agora, já falam em 2.400 km por hora no “boom-avião” supersônico. Quando o vento sopra fortemente, todos notam, o mundo, Israel e a igreja. O mundo o notou e suas velas se encheram. Israel notou e seu jornalista tocou a trombeta. Foi por volta de 1900. Será que era como um sopro do inferno, do acaso ou... do Espírito Santo? Se for assim, será que a igreja também percebeu esse sopro? Por volta de 1900 nasceu o movimento pentecostal e começou uma campanha de evangelização que, apesar de problemas, se provou ter sido a maior depois de Pentecoste — como observou o historiador Mark Noll. Pessoas simples, mas que tinham estado com Jesus (At 4.13).

O SENHOR Jesus se perguntava a si mesmo se haveria fé na terra antes da vinda dele (Lc 18.8). Será que todos nós estaríamos dormindo como os discípulos (Mt 26.41)? Vamos prestar atenção, pois o tempo da graça para os gentios parece estar se esgotando, como já se percebe em países antes solidamente cristãos. O que fazer? Lutero disse que se soubesse que Jesus voltaria amanhã, ele plantaria hoje sua macieira. Talvez, ao se lembrar da palavra do seu SENHOR: “Bem-aventurado o

¹⁰A imagem pode ser vista, por exemplo, em “Hezekiah Bulla”, *Watch Jerusalem*. Disponível em: <https://watchjerusalem.co.il/954-hezekiah-bulla>.

servo a quem seu senhor, quando vier, encontrar agindo assim” (Mt 24.46). A última ordem do nosso Rei é: “Indo, fazei discípulos”, discipulai! Quer dizer “indo”, andando pela estrada da vida, trabalhando normalmente, cada um na sua própria vocação, “discipulai” — este é o único imperativo em Mateus 28.19: “discipulai”. “E este evangelho do reino será pregado pelo mundo inteiro [...] e então virá o fim” (Mt 24.14). A Rádio Trans Mundial confirma que o evangelho já pode ser ouvido em todo lugar pelo rádio e há pessoas em lugares isolados que tem recebido o Salvador sem ter visto missionário algum.

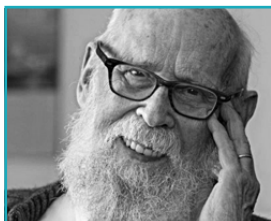
“O Espírito e a noiva dizem: vem”, SENHOR Jesus! E o Senhor mesmo responde: “Certamente venho em breve” (Ap 22.17,20). Assim, ressoada a última trombeta, “o próprio Senhor descera do céu com grande brado [...]. Portanto, consolai-vos uns aos outros com essas palavras” (1Ts 4.16,18).

Paz seja com todos nós e sobre o Israel de Deus (Gl 6.16). Maranata!

Frans Leonard Schalkwijk

Presbítero docente das Igrejas Reformadas nos Países Baixos

Itajubá-MG, Pentecoste de 2022 AD



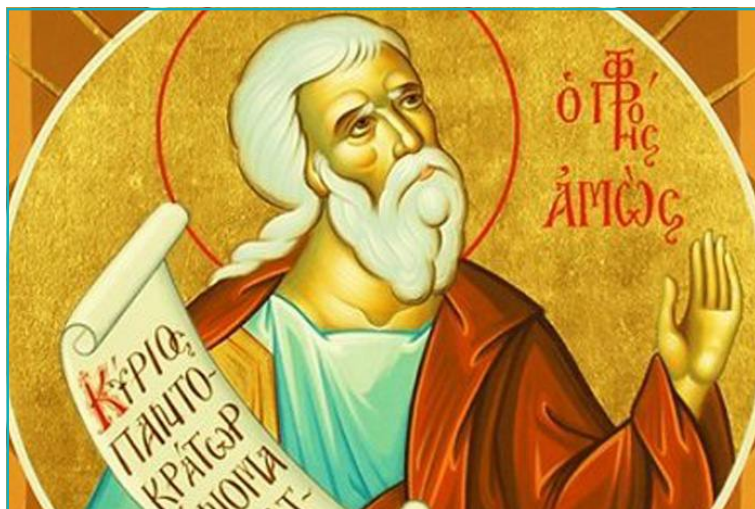
Frans Leonard Schalkwijk

Sobre o autor

É presbítero docente (ministro da Palavra) da Protestant Church of the Netherlands (Igreja Protestante da Holanda), Doutor em História e autor de, entre outros, *Igreja e Estado no Brasil Holandês*.

Amós, cristianismo e Estado laico¹ — exegese e reflexões

Lucas André



1. Introdução

Os diálogos e interlocuções entre Estado laico e Igreja têm sido constantes, e até mesmo acirrados nas últimas décadas na esfera pública brasileira, especialmente com a ascensão do protestantismo neopentecostal e a consolidação da bancada evangélica. Neste contexto, opiniões multifacetadas emergem no contexto sociopolítico e religioso da nação.

Uma das facetas desta interação reside no fato de se perceber certa dualidade, talvez até mesmo contradição, nas interações promovidas a respeito de crenças e valores da Igreja em sua relação com o moderno Estado laico. De um lado, do ponto de vista conceitual e normativo, vozes políticas e intelectuais afirmam ser imperativa a completa separação entre Igreja e Estado, não tendo os valores e crenças da Igreja qualquer relação ou inter-relação com a constituição do Estado, sua ética e leis. Por outro, nas interfaces práticas, nota-se constante apelo a valores cristãos consolidados quando se trata da prática social, tolerância, justiça,

¹Artigo produzido para o Fórum ULBRA de Teologia, 07 de outubro de 2015.

igualdade e amor ao próximo, notoriamente nos casos em que se apela aos valores cristãos para se denunciar a falta de ética, justiça, igualdade, exploração capitalista, excesso de individualismo.

O objetivo deste artigo, portanto, é verificar a dinâmica de atribuição dos valores cristãos dentro da defesa do Estado laico moderno, ora sendo afastados por completo, ora sendo evocados na composição da ética laica estatal, e como contradições ideologicamente motivadas podem estar presentes nestas interlocuções.

Inicialmente, a exegese do livro de Amós, a partir de autores luteranos referenciais como Keil e Delitsch, indicará de que maneira os valores bíblicos estão inseridos no apelo à justiça e ética no povo de Israel. Assim, a partir desta dinâmica entre Estado laico e a distinção entre Igreja e Estado, se investigará a interlocução e os pontos de tensão envolvidos.

2. Amós 5

O ministério de Amós ocorreu sob Jeroboão II entre 765-750 a.C aproximadamente.² Amós era um simples pastor de ovelhas, e não um homem de posses,

² Sob o comando desses reis, os dois reinos estavam no auge de sua prosperidade. Uzias subjugou completamente os edomitas, os filisteus e até fez os amonitas pagarem tributos. Fortificou Jerusalém e levantou um poderoso exército — de modo que seu nome chegou até o Egito (2Cr 26). Já Jeroboão superou completamente os sírios e restaurou as fronteiras originais do reino desde o país de Hamate até o Mar Morto (2Rs 14.25-28). Depois que o poder dos sírios foi quebrado, Israel não tinha mais inimigo a temer, a Assíria ainda não havia surgido como uma potência conquistadora. A suposição de que Calné é representada em Amós 6.2 como já tendo sido tomado pelos assírios repousa sobre uma interpretação incorreta e é tão errônea quanto a inferência extraída da mesma passagem que Hamate foi conquistado e Gate destruída. Amós não menciona os assírios, embora em Amós 1.5 ameace o povo da Síria a ser transportado para Quir, e em Amós 5.27 prediz que os israelitas serão levados cativos para além de Damasco. No estado atual das coisas, a ideia da aproximação da queda ou da destruição do reino de Israel era de fato, de acordo com o julgamento humano, muito improvável. Os habitantes de Samaria e Sião sentiam-se perfeitamente seguros, tinham consciência de seu poder (Am 6.1). Os governantes do reino confiaram na força de seus recursos militares (Am 6.13) e estavam preocupados apenas em aumentar sua riqueza oprimindo os pobres além de deleitarem-se com luxos e prazeres terrenos (Am 2.6-8; 5.11,12; 6.4-6). Desse modo, para que o profeta denuncie infortúnios sobre aqueles que estão em segurança sobre Sião

no entanto, tinha um rebanho e uma plantação de sicômoros, como alguns rabinos sugerem (Keil and Delitzsch, 2015). Como ele mesmo diz, não era profeta. Não foi treinado em nenhuma escola, mas sim, foi chamado de onde estava pelo SENHOR (Keil and Delitzsch, 2015). Provavelmente, foi contemporâneo de Oseias. O trabalho de Amós deve ter chamado atenção tanto no reino do norte como no reino do sul, pela sua singularidade. Um pastor, sem treinamento de profeta, que veio de Judá para profetizar dentro do reino do norte e, pelo poder do Espírito, provou mesmo ser enviado por Deus. Algo provavelmente nunca acontecido antes (Keil e Delitzsch, 2015).

A linguagem de Amós também demonstra aspectos do dialeto de um pastor, não a fala refinada de um estudioso. Por exemplo, סָשׁוּב em lugar de סָסוּב (5.11) “impor peso, pisar sobre” o pobre,³ além de outras figuras rurais. Mas ele demonstra também muito conhecimento da lei mosaica e da história de Israel.

Amós pregou no reino do norte em uma era de *boom* econômico com vida luxuosa, corrupção moral e idolatria aberta (UNGER, p. 407). Foi nesta época de estabilidade econômica, segurança nacional e, também, de uma vida pecaminosa descuidada, que Amós é enviado com a terrível, e até violenta, mensagem do juízo divino sobre o reino do norte. Embora estivesse muito bonito externamente, a mensagem de Amós mostra o quão deteriorado o reino estava por dentro.

As declarações de Amós estão no contexto de um povo eleito por Deus que se desvia e cai, isto é, a virgem que deixa de ser (cap. 2). Assim, a cobrança de Yahweh é ainda maior. A mensagem do profeta é para um povo que deveria estar seguindo leis e estatutos divinos. Assim, todas as cobranças feitas — justiça, opressão, idolatria etc — são dirigidas a pessoas, e não necessariamente a “classes sociais”, como concebidas atualmente. Idolatria e opressão, por exemplo, podem ser causadas e praticadas por qualquer pessoa, em qualquer posição.

Havia certo grau generalizado de autoconfiança, tanto pela situação confortável que o reino vivia tanto pelo fato de saberem ser o povo escolhido de Deus.

e descuidados sobre o monte de Samaria (Am 6.1), profere a ameaça de que o SENHOR fará com que o sol se ponha ao meio-dia e que a terra se cubra com trevas em plena luz do dia (Am 8.9) (Keil e Delitzsch, 2015).

³Outros exemplos: באתם em lugar de מבעתם (Amos 6.8); פֶּרְסָם em lugar de פֶּרֶשָׁם (Amos 6.10); קחשי em lugar de קחצי (Amos 7:9, Amos 7:16); הקשנ em lugar de העקשנ (Amos 8.8).

No entanto, Amós anuncia que nada disso será motivo de segurança. O único caminho é “buscar ao SENHOR e viver”.

Mesmo apontando “por três transgressões [...] e por quatro”, o texto do profeta indica a essência do que Deus vai castigar: “Abomino a soberba de Jacó e odeio os seus castelos” (6.8). Por isso, o livro é um grande chamado ao arrependimento. As nações que se colocam contra o reino de Deus, não têm como, em última análise, subsistir. E isto vale, inclusive, para Judá e Israel, com sua idolatria grosseira e, consequente, afastamento de Yahweh (Keil e Delitzsch, 2015).

“Por três ou quatro pecados” — Lutero demonstra que, na verdade, trata-se de uma só: rebelião contra Deus. Três e quatro somam sete, o número completo, e que leva ao início outra vez (Lutheran Bible Study, p. 1456). O povo havia se afastado da aliança; este era seu pecado.

Amós é um profeta enviado por Deus que profetiza em nome dele (7.15), mesmo havendo um sumo-sacerdote, Amazias (7.10). É um homem de Deus, falando a Palavra de Deus para o povo de Deus e suas lideranças. Os conceitos envolvidos, portanto, precisam ser olhados com atenção, para que não se confundam com a compreensão presente na defesa de princípios e valores do Estado laico moderno. Uma leitura superficial e, igualmente, uma aplicação anacrônica da mensagem do profeta podem gerar problemas teológicos e práticos. A alternativa para a situação moral, ética e processual do povo não está em promulgar mais leis, estabelecer assembleias legislativas, fortalecer o judiciário, ou em campanhas anticorrupção, na luta genérica contra injustiça social e no aumento da fiscalização e punição. Também não está no combate a uma proposta específica, a partir de uma ideologia que pretenda sintetizar os anseios do Evangelho, o que poderiam ser caminhos em um Estado laico, mais ou menos como compreendido hoje. A alternativa central indicada pelo profeta é: “Buscai ao SENHOR e vivei” (5.6); “Buscai o bem, e não o mal, para que vivais e, assim, o SENHOR, o Deus dos Exércitos, estará convosco como dizeis. Aborrecei o mal e amai o bem, e estabelecei na porta o juízo.” (5.14,15).

2.1. Considerações exegéticas: 5.6,7; 10-15

O capítulo 5 não deixa nenhuma esperança para o povo pecador e afastado de Deus de manter seus fundamentos de confiança e esperança, que estavam basicamente em sua segurança nacional. A palavra de Deus destrói este fundamento, colocando diante deles as exigências da lei de Yahweh, que não são cumpridas.

E aponta o único meio de haver, de fato, segurança para seu povo: “Buscar ao SENHOR e viver”.

• v. 6 — O indicativo do caminho contra a injustiça, opressão e castigo: buscai ao SENHOR. Pois viver não é possível longe de Yahweh.

• הָיִה — Não apenas *permanecer vivo, não perecer*, mas ter a posse da verdadeira vida. Deus só pode ser buscado, entretanto, em sua revelação, a maneira que Ele escolheu para ser buscado e adorado (“de cima para baixo”, em contraste com as religiões “de baixo para cima”).⁴ Um claro contraste com a idolatria reinante no país, onde Betel e Gilgal eram os locais de adoração mais buscados. Betel, casa de Deus, chega a ser mudado para Bete-Áven, casa de ídolos. Era o principal lugar de idolatria em Israel.

• v. 7 — Como está na terceira pessoa (hinnīchū), não na segunda, o particípio em Amós 5.7 não se dirige a alguém. Por sua vez, hahōphekhīm (que converteis) não pode estar em oposição a Beth-el, já que, em trecho posterior, está se referindo às casas, não aos habitantes. Amós gosta muito de utilizar particípios (cf. Amos 2.7; 4.13), assim, gosta de expor ideias uma após a outra, sem um link ou conexão lógicos. De fato, hahōphekhīm está conectado com bēth-yōsēph (a casa de José). Em vez de fazer a conexão: “Buscai o SENHOR, vós da casa de José, que transformais o que é certo em errado”, simplesmente descreve “Eles estão mudando”. La’ānāh, alosna, é uma planta amarga. Conforme Dt 29.17, as ações de um homem são consideradas como o fruto de seu estado de mente (Keil e Delitzsch).⁵

• v. 10 a 12 — O versículo 10 começa com uma terceira pessoa do plural “eles odeiam” (וֹאֲנֵיהֶם). Talvez, por um breve momento, a audiência do profeta ficou tentada

⁴Um exemplo bem recente pode ser dado com a ideia do *Deboísmo*. “Deboísmo é um neologismo que surgiu na internet como uma corrente filosófica, onde a principal regra é “viver de boa com a vida”. (www.significados.com.br. Acesso em 29 de setembro de 2015). Uma “religião” que une perfeitamente o espírito do tempo: surgida em uma rede social (<https://www.facebook.com/Deboismo>), com sua ênfase na religião personalizada cujo centro redentivo está na visão de mundo e ação pessoal: “bom humor, a descontração, a paciência e o respeito às opiniões alheias” (Ibid).

⁵Theodoret forneceu uma correta explanação (embora sem exaurir totalmente a força das palavras): “É fácil para ele transformar até os maiores perigos em felicidade. Por sombra da morte ele quer dizer grandes perigos. E é fácil também trazer calamidade sobre aqueles que estão em prosperidade.” (Keil e Delitzsch).

a pensar: “Muito bem, Amós, finalmente, está falando para aquelas outras pessoas. Já era tempo!”. Mas, em Amos 5.11 ele muda para verbos na segunda pessoa do plural “você todos”. O “eles” se torna “vós”, e como resultado disso, Amós se torna um dos reprovadores junto ao portão, a quem os juízes odiavam (Concordia Theology).

A menção aos portões da cidade faz alusão clara a um processo judicial. As referências a procedimentos legais lembram a maneira que os menos favorecidos tinham de buscar algum direito - às portas da cidade, no tribunal hebreu. E, aqui, Deus condena a maneira como a justiça e os julgamentos estão sendo conduzidos em meio a seu povo.

- Mōkhîāch — Não é, meramente, o juiz que derruba acusadores injustos, mas qualquer um que levanta sua voz em uma corte contra atos de injustiça (como em Isaías 29.21) (Keil e Delitzsch).

- Taxas — eram o modo em que os pobres, em vez de serem protegidos, eram explorados (Lutheran Bible Study, p. 1465). Os injustos, além de tirarem proveito do trabalho dos outros, ainda impunham pesados impostos.

Os participios **יִתְאַשׁוּ** e **יִרְצוּ** estão atrelados aos sufixos **מְכִיעֵשׁ** e **יִתְאַשׁוּ**: *seus pecados*, que oprimem o justo, atacam-no e recebem suborno, contrário ao mandamento expresso da lei em Números 35.31, de não receber qualquer *kōpher* pela alma de um assassino. O texto expõe, ainda, a resistência do povo resiste à mudança, ao permanecer na idolatria, indo aos locais de culto errados, praticando coisas erradas.

- v. 11 — O “pobre” (**לֵד**), neste versículo, é comparado ao “pequeno Jacó” (7.2,5), também chamados de “necessitados” (2.6; 4.1; 5.12; 8.4,6), “oprimidos” (2.7; 8.4), e “o justo” (2.6; 5.12). Pessoas neste grupo estavam sendo abusadas sexualmente (2.7), fisicamente (2.8; 5.11), judicialmente (5.10), espiritualmente (2.12), e vocacionalmente (4.1; 5.11). Este é o remanescente de José (5.15) (Concordia Theology).

- v. 13 — Destaque para o fato de que os sábios acabavam até ficando em silêncio, pois buscar justiça parecia ser em vão, e até perigoso. Entretanto, é possível, talvez, depreender aqui uma ironia de Amós, já que, ele mesmo, não se omite em expressar opinião, mesmo correndo risco de vida. Talvez o recado seja sarcástico, dizendo: “esperam que os sábios fiquem calados, só porque é uma época perigosa? Não é isto é o que vai acontecer”.

- v. 15 — Estrutura literária: *buscar o bem, não o mal/odiar o mal, amar o bem*. Em vez de mudar e acabar com a justiça e correção (Am 5.7), os juízes são chama-

dos a retificar a situação pelo “amar o que é bom” e “estabelecer a justiça no portão,”⁶ onde transações públicas de negócios eram feitas. O substantivo **רֵשָׁאִית**, “remanescente,” denota o que é deixado após uma invasão de inimigos. As “sobras” de José eram a principal preocupação de Yahweh (Concordia Theology, 2015).

O mandamento de *buscar e amar o bem* é praticamente o mesmo de *buscar o SENHOR*, anteriormente mencionado. Por isso, a promessa é a mesma, “para que possais viver”. Isto acontece, entretanto, somente em comunhão com Deus.

A verdade é que os israelitas estavam apoiados na sua hereditariedade como povo de Deus, ou seja, em questões externas. A comunhão com Deus se daria em virtude da aliança com Abraão. Todo aquele julgamento, portanto, jamais os alcançaria. Deus acabara libertando seu povo quando a opressão gentia chegasse (cf. Miqueias 3.11; Jeremias 7.10).

Amós lida com esta ilusão dizendo: “para que Yahweh esteja conosco, como vocês dizem”. Não se pode traduzir “se fizerem isto” (como em Rashi e Baur), nem “se vocês se esforçarem por fazer o bem” (Hitzig). Nenhum desses sentidos pode se estabelecer, pois **כִּי** corresponde ao **כִּי־שֶׁאֵין** seguinte. Significa nada mais do que “como vocês dizem” (Keil e Delitzsch, 2015).⁷ Ou seja, não está no povo o bem e a vida, mas sim em Yahweh, que deve ser buscado.

Uma vez que Amós tem uma mensagem tão violenta e catastrófica, vale ainda o registro de Lutero sobre o versículo 16: “Tão grande será o castigo que não haverá ninguém que não fique triste por estar vivo” (Lutheran Bible Study, p. 1465).

⁶Uma nuance alternativa da tradução de “estabelecer” é apresentada pelo Hypertext Bible Commentary: “O verbo (ytsg) geralmente sugere que seu objeto está sendo exibido de alguma forma. Traduções comuns como ‘estabelecer a justiça, manter a justiça’ não parecem captar essa nuance. O portão é, acima de tudo, um lugar público, então a expressão ‘estabelecer justiça no portão’ ou ‘exibir justiça no portão’ parece melhor” (Hypertext Bible Commentary, 2015).

⁷“Este é o pensamento: ‘Buscai o bem e não o mal: e assim o Senhor, o Deus dos Exércitos, estará convosco, como dizeis.’ Isso implicava que em sua condição atual, desde que eles buscassem o bem, eles não deveriam ficar confortáveis com a certeza da ajuda de Jeová. Buscar o bem é explicado no v. 15 como amar o bem, e ainda é definido como estabelecer a justiça no portão, isto é, manter uma íntegra administração da justiça no local do julgamento; e para isso a esperança, tão humilhante para a segurança física está relacionada: talvez Deus demonstre favor ao povo remanescente. A ênfase nestas palavras é colocada tanto quando no “talvez” como também sobre o remanescente de José. A expressão “talvez Ele mostre favor” indica que a medida dos pecados de Israel estava completa, e nenhuma libertação poderia ser esperada se Deus procedesse de acordo com Sua justiça.” (Keil e Delitzsch, 2015).

3. Amós, cristianismo e Estado laico

Para o cristianismo, a definição e aplicação dos principais conceitos do texto de Amós são vistos em uma perspectiva proléptica e escatológica, na visão do reino de Deus concretizado em Cristo. Amós anuncia o juízo (Lei) de Deus, que só pode ser consequência definitivamente afastada não pelo mero “pertencer ao povo escolhido”, ou pelo “estabelecer a justiça e o direito”, sem que se olhe para o Evangelho como a Justiça e o Direito encarnados — Jesus Cristo.

Desta forma, o cristianismo tem em Jesus Cristo aquele que levou sobre si a violência e o castigo que estavam destinados ao povo de Deus. Jesus foi o remanescente, o Justo, que tomou sobre si a soberba, idolatria, corrupção e afastamento do povo de Deus, encravando-os na cruz e trazendo a nova realidade de fé e vida. Nesta realidade transformada por Cristo, na vida santificada, pratica-se a justiça, o direito, a defesa do menos favorecido, enfim, coloca-se a fé em prática no mundo, não por uma demanda externa ou simplesmente por leis estabelecidas, mas como fruto de um coração perdoado e renovado, que deseja praticar a vontade de Deus na direção do próximo.

Esta perspectiva se torna fundamental para não converter a mensagem de Amós em um evento anacrônico, fundindo-o com ideologias e doutrinas surgidas muito posteriormente e que, se empregadas para o olhar para o texto sagrado, podem levar a conclusões que afastam da compreensão exegética e sistemática da Palavra.

Estes marcos são importantes ao abordarmos, por exemplo, conceitos evocados a esfera pública como desigualdade, injustiça social, opressão e miséria humana. É possível delinear a visão de denúncia sobre uma sociedade onde predomina a injustiça social, onde o rico rouba o pobre, onde os impostos são aumentados constantemente e os julgamentos são desonestos. Desta forma, poderíamos invocar Amós para ser o denunciador da opressão e da miséria social. No entanto, a ênfase tende a recair sobre o coletivo abstrato “sociedade”, em vez do indivíduo definido, que é o verdadeiro agente da maldade. O diagnóstico de Amós, e da Palavra de Deus, são mais precisos do que a máxima “o ser humano nasce bom, mas a sociedade o corrompe”. O ser humano é mau, e a sociedade fica corrompida por causa desta maldade.

A partir da cristologia, vemos que a justiça de Deus se revela de fé em fé. A fidelidade de Cristo que gera a possibilidade de fé e, assim, termos justiça perante Deus (Romanos 1). Amós deixa clara que a maneira de viver é buscar ao SENHOR. Não porque em nós haja alguma força (Oseias 13.9), mas porque o próprio

Yahweh se deu a conhecer em Jesus Cristo Ele é nossa justiça, nossa paz. Ele gera a igualdade (Gálatas 3) perante Deus. Do ponto de vista cristológico, a igualdade, a justiça e a paz não são buscadas. Elas são geradas pela ação do *Deus revelatus* que, por sua graça, gera a igualdade da fé que acaba com a injustiça do pecado, produz perdão dos pecados que gera a paz e nos tira da miséria espiritual.

A preocupação de Yahweh é com o remanescente porque eram pobres e oprimidos no sentido social contemporâneo que estes termos adquiriram desconectados da exegese bíblica? Poderia ser uma leitura. Outra alternativa é a de que ali estava realmente a essência da vida — a fidelidade à Palavra. A liderança e os considerados opressores já haviam abandonado a lei e propósito. Yahweh não faz distinção por classes sociais, mas chama a fé pela Palavra. Onde está a Palavra, ali está o remanescente. Isso acontece, portanto, somente em comunhão com Deus, o que a concepção moderna de Estado laico parece evitar, já que não poderia ter uma religião como orientadora de sua ética e princípios.

Destacamos, ainda, do ponto de vista laico, pelo viés sócio econômico, o conceito de desigualdade, que pode ser visto de mais de um ângulo. Buscar uma definição de igualdade que abarque esta pluralidade acaba, inevitavelmente, sendo a imposição de uma visão sobre outras. Também o discurso da má distribuição de renda; geralmente, parte-se do princípio que economia é um jogo de soma zero, onde, para alguém ganhar, outro tem que perder. Algumas escolas econômicas têm demonstrado, no entanto, alternativas de compreensão diferente.⁸ Outro tema, a injustiça social. De que maneira determinar a quantidade que é justa para cada indivíduo? Haveria uma?⁹

Do ponto de vista cristão, portanto, a frase “A paz vem da justiça” deve ser compreendida, primeiramente, a partir da nova realidade provocada por Cristo, a justiça de Deus, atribuída pela fé, que traz paz ao coração. Quando se transporta esta visão cristã para o ambiente laico esvaziando-a de suas premissas exegéticas e teológicas, o resultado pode acabar sendo um descompasso sistemático, transferência de campo semântico que resultará em utilização da palavra com pretexto para sustento de uma utopia — que, frequentemente, resulta em distopia.

⁸Por exemplo, o texto: “Economia numa única lição”. Disponível em: <http://www.mises.org.br/Ebook.aspx?id=25>. Acesso em: 2015.

⁹Hayek discute o tema em: <http://jus.com.br/artigos/30334/justica-social-na-concepcao-de-friedrich-august-von-hayek>. Acesso em: 2015.

4. Reflexões finais

A conexão entre texto bíblico e Estado laico, em um certo sentido, se torna impossível, já que o conceito de Estado laico, como hoje compreendido, possui cerca de 300 anos, talvez tendo sua primeira grande expressão na Revolução Francesa.¹⁰ Amós viveu em um Estado teocrático, onde as leis, o conceito de justiça, paz, harmonia e convívio provinham da Torah.

Todos os problemas sociais do reino do norte, naquele momento, decorriam de um problema espiritual: quebra da aliança e afastamento de Yahweh. O Novo Testamento vai confirmar isto, ao mostrar que todos pecaram e carecem da glória de Deus. Por isso, a injustiça e a maldade no mundo. Os temas conceituais exigidos, e lamentados, por Yahweh, são teológicos que têm reflexos sociais. A justiça está tão violentada porque não existe temor a Yahweh. Existe opressão porque o mandamento de amor ao próximo é deixado de lado. Se aceita suborno porque não se tem observância pela retidão preceituada pela Lei. Enfim, tudo o que é denunciado pelo profeta é decorrência do pecado.

Justiça social e desigualdade — Amós, frequentemente, é utilizado como base para o estímulo ao combate à opressão, justiça social e desigualdade, termos recorrentemente pertinentes ao Estado laico. Por exemplo, em Amós, no tópico justiça (tsedeq), vemos que ele clama por justiça nas portas (v. 15). Todo os que trabalham na esfera pública deveriam ser justos em tudo o que fazem, e as instituições deveriam ser corretamente administradas (DITAT, p. 1879). Já no aspecto forense, a justiça se aplica a todos, ricos e pobres. Mas é importante destacar, também, que, em Israel, não era atribuição do juiz verificar a retidão da pessoa diante da lei humana, mas sim, do estatuto divino.

Hoje em dia alguém pode transgredir um estatuto secular, mas ser inocente diante de Deus. Na lei do AT, ser inocente e ser justo eram a mesma coisa. A ideia de manter a retidão é, muitas vezes, expressa pelo grau hifil. Essa construção designa a ação de tornar justo ou declarar justo (DITAT, p. 1879).

¹⁰Segundo, Benjamim Morris, em *The christian life and character of the civil institutions of the United States*, mesmo os EUA, que são citados em sua constituição que procura separar Igreja e Estado, têm a base fundacional de seu Estado na filosofia cristã. A separação do Estado em relação à Igreja seria pelo fato de haver muitas denominações protestantes, não sendo possível eleger uma como a referencial. Disponível em: <https://archive.org/details/ChristianLifeAndCharacterOfTheCivilInstitutionsOfTheUnitedStates>.

O conceito correlato de *tsdq* é *mishpat*, no Antigo Testamento. Embora muitas vezes traduzida por “justiça”, mais de 400 vezes no AT, é uma tradução um tanto deficiente, pelo fato de vivermos em época de distinção clara entre legislativo, executivo e judiciário. Assim, o verbo *shapot*, do qual *mishpat* deriva que se refere a todas as funções do governo, muitas vezes ficam limitados à esfera do judiciário. Mas o verbo e o substantivo abarcam todas essas funções (DITAT, p. 2443). Nos estados democráticos de direito, estamos acostumados a pensar em constituições e na natureza do homem, isto é, os direitos naturais. Mas, de acordo com a Escritura hebraica, toda autoridade é divina (Dt. 1.17); todo *mishpat* verdadeiro tem sua fonte no próprio Deus.

A partir desta concepção bíblica de autoridade e governabilidade, caminha-se em direções conflitantes ao propor-se um Estado laico, quase antirreligioso, e, ao mesmo tempo, evocar conceitos bíblicos e teológicos para chamar o indivíduo à prática cidadã e responsabilidade social.

O cristianismo rejeita a compreensão de que existam grupos mais ou menos pecadores, classes sociais mais ou menos retas. A opressão e a injustiça não são características de determinados grupos, especialmente quando definidos por questões materialístico-dialéticas. Expressões da realidade parecem indicar o caminho nesta direção.¹¹ A corrupção não reside em uma classe social específica, delineada por correntes sociológicas. Ela permeia o ser humano, na condição social em que ele estiver. Amós denuncia o mal presente no ser humano, idólatra. Dividir a sociedade em classes nas quais cada uma busque seu aspecto de “vítima” e que lutem entre si por “direitos” é exatamente o contrário do espírito evangélico pregado por Jesus Cristo, especialmente em Lucas 6.

A defesa pelo Estado laico, em sua versão mais recente (aproximadamente 300 anos), em alguns momentos, assume características de luta antirreligiosa, como por exemplo, o deputado brasileiro que comparou igrejas evangélicas ao narcotráfico,¹² e as leis de retirada de símbolos religioso-culturais de repartições públicas, sendo, no

¹¹Por exemplo: “Adolescente detido no arpoador diz que agiu por prazer”. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/rio/adolescente-detido-no-arpoador-diz-que-agiu-por-prazer-17612789>. “Pobre”. Disponível em: <http://toquedevida.blogspot.com.br/2015/07/pobre.html>.

¹²“Jean Wyllys compara igrejas evangélicas ao narcotráfico e diz que “fundamentalistas religiosos ameaçam o Estado laico”. Disponível em: <http://noticias.gospelmais.com.br/estado-laico-jean-wyllys-compara-igrejas-evangelicas-narcotrafico-59503.html>. Acesso em: 25 de setembro de 2015.

entanto, uma ação seletiva.¹³ O fato a ser destacado, aqui, é a iniciativa de banir uma opinião cristã, em primeira instância, e a religiosa em geral, em última, da esfera pública e, por outro lado, a invocação a valores e princípios cristãos e evangélicos são invocados quando se trata de combater males sociais.¹⁴

Há vários expoentes individuais¹⁵ e também denominações cristãs que se apropriam de terminologia específica para direcionar o cuidado social e a visão de justiça e igualdade na sociedade, nem sempre de forma que a base bíblico-exegética seja clara e correta.

¹³Como, por exemplo, em “Determinada a retirada dos crucifixos dos prédios da Justiça gaúcha”. Disponível em: http://www.tjrs.jus.br/site/imprensa/noticias/#http://www.tjrs.jus.br/site/system/modules/com.br.workroom.tjrs/elements/noticias_controler.jsp?acao=ler&idNoticia=172854. Acesso em: 25 de setembro de 2015.

¹⁴Como, por exemplo, em Frei Betto: “Residiria o ideal em um sistema capaz de reunir a justiça social, predominante no socialismo, com a liberdade individual vigente no capitalismo? Essa questão me foi colocada por amigos durante anos. Opinei que a dicotomia é inerente ao capitalismo. A prática de liberdade que nele predomina não condiz com os princípios de justiça. Basta lembrar que seus pressupostos paradigmáticos — competitividade, apropriação privada da riqueza e soberania do mercado — são antagônicos aos princípios socialistas (e evangélicos) de solidariedade, partilha, defesa dos direitos dos pobres e da soberania da vida sobre os bens materiais.” (BETTO, 2015).

¹⁵Por exemplo, Boff: “A primeira força se constela ao redor do eu e do indivíduo e origina o individualismo. A segunda se articula ao redor da espécie, do nós e dá origem ao comunitário e ao societário. O primeiro está na base do capitalismo, o segundo, do socialismo na sua expressão melhor. Onde reside o gênio do capitalismo? Na exacerbação do eu até ao máximo possível, do indivíduo e da auto-afirmação, desdenhando o todo maior, a integração na espécie e o nós. Desta forma, desequilibrou toda a existência humana, pelo excesso de uma das forças, ignorando a outra.

Nesse dado natural reside a força de perpetuação da cultura do capital, pois se funda em algo verdadeiro mas concretizado de forma exacerbadamente unilateral e patológica.

Como superar esta situação secular? Fundamentalmente, no regate do equilíbrio destas duas forças naturais que compõem a nossa realidade. Talvez seja a democracia sem fim, aquela instituição que faz jus, simultaneamente, ao indivíduo (eu) mas inserido dentro de um todo maior (nós, a sociedade) do qual é parte. Voltaremos ao tema porque não é suficiente fazer a crítica a esta cultura malvada, como a chamava Paulo Freire; importa contrapor-lhe outro tipo de cultura que cultiva a vida e cria espaços para o amor, a cooperação, a criatividade e a transcendência.” (BOFF, 2015).

O Estado deve ser laico, antirreligioso ou ateu? Estas questões, certamente, estarão em sério debate neste Fórum. O que este estudo propõe é que os cristãos, como novas criaturas, não podem se omitir, a partir da justiça de Cristo que produz a paz em seus corações, de amarem seu próximo como a si mesmos e serem sal da terra e luz do mundo (Mateus 5). Desta forma, podem buscar a preservação dos espaços para manifestação de opinião, sempre que for em favor da justiça e dos direitos civis — sem contudo, confundir os campos semânticos e conceitos envolvidos.

Difícilmente se consegue encontrar, na história da civilização, um Estado completamente sem religião. Por isso, é possível pensar em um Estado laico que mantenha espaço aberto para opiniões de todas as matizes religiosas. Sejam elas vindas do cristianismo, do cientificismo, do ateísmo, do laicismo. De qualquer lugar onde seja uma visão que mire argumentos para ajudar as pessoas. E não o contrário.

Destacamos, ainda, um trecho do artigo de Sandro Cerveira, apontando a contribuição das denominações protestantes para o secularismo, e por consequência, o Estado laico: “Geralmente pensamos em liberdade de religião como um entre os muitos tipos de liberdade, de direitos humanos, declarados durante o Iluminismo europeu, os quais tiveram repercussão no mundo desde então. Entretanto, Georg Jellinek, amigo e professor de Weber nesses assuntos, publicou um livro em 1895 intitulado *Die Erklärung der Menschen-und Bürgerrechte*, traduzido para o inglês em 1901 sob o título *The declaration of the rights of man and of citizens* (Nova York: Holt, 1901), em que argumentava que a fonte fundamental de todas as noções modernas de direitos humanos se encontra nas seitas radicais da Reforma Protestante” (Souza, 1999: 299).

Assim, Cerveira ainda afirma:

As implicações do denominacionalismo, com sua fragmentação explícita e necessidade de tolerância mútua, para a pluralização do campo religioso brasileiro é evidente, e, fazemos questão de ressaltar, muito importante. Embora a laicização formal do Estado brasileiro, sobretudo após a proclamação da República, seja condição necessária para a pluralização e criação de um mercado religioso, esse processo seria no mínimo anêmico se não houvesse grupos religiosos disputando de maneira intensa dentro desse mercado. Ou seja, a liberdade de mercado não evita por si a possibilidade de monopólios, é somente o aumento da oferta válida que dá realidade à liberdade de opção. Nesse sentido, a forma denominacional do protestantismo brasileiro, comum, como já aponte, a todos os ramos, mesmo os neopentecostais, tem sido fator determinante na pluralização

do campo religioso brasileiro com consequências para a própria secularização da sociedade brasileira (CERVEIRA, 2008).¹⁶

O cristianismo tem, na sua essência, a força motora para indivíduos e seu comportamento social: a fé ativa no amor. No entanto, devido a uma série de fatores, incluindo antropológicos e culturais, em alguns contextos ela acaba se fechando em si mesma, em um processo de retroalimentação. Acaba entrando em entropia e sua condição se deteriora diante da sociedade, passando a ser invisível para esta, uma vez que utiliza códigos, sistemas e métodos que, em muitos casos, são completamente anacrônicos. Aí está a primeira dificuldade: a Igreja se enxergar de fora e procurar entender como alguém de fora pode vir a entendê-la.

Outro ponto que a Igreja, em geral, precisa trabalhar é sua ênfase exagerada na lei e bom comportamento. Ela precisa ajudar a sociedade a desconstruir a ideia de que, de Igrejas, se esperam “santinhos”. Embora os cristãos sejam descritos como “santos” pela Escritura e pelo Credo (Lv 11.44; Mt 5.48; Jo 5.14; Jo 8.11; Rm 1; 1Pe 1), a Igreja está repleta de pecadores que necessitam de perdão. Cristãos, como todas as demais pessoas, têm pecados; quando estes são públicos, ou cometidos por indivíduos proeminentes acabam causando estrago ainda maior diante da sociedade.

A Igreja pode ser fator de grande influência na sociedade quando anunciar o Evangelho, a verdadeira força transformadora, estimulando seus membros a viverem esta fé na vida diária, colocando e praticando os ensinamentos, sem falsos moralismos nem hipocrisia, mas com a honestidade que a Palavra recomenda — santos e pecadores.

Ainda, a Igreja pode contribuir com a sociedade justamente mantendo a noção de indivíduos alcançados pelo amor de Deus e que são responsáveis perante ele e perante o mundo. Onde predominem valores coletivistas, pelos quais o sujeito desapareça diante da massa e se entregue a qualquer meio em nome de um nobre

¹⁶Cerveira conclui: “A partir desses termos, ao contrário da tradicional ideia que vincula o religioso, em especial os evangélicos, ao conservadorismo e à posturas antedemocráticas, é possível propor que a pluralização do campo religioso, as consequências da propagação de uma religião internalizada para o fortalecimento da noção de indivíduo e a secularização que se alimenta também deste processo, são fatores importantes na democratização da sociedade, elemento fundamental para a construção do arranjo democrático institucional.” (CERVEIRA, 2008).

fim, a Igreja pode enviar seus membros a serem indivíduos responsáveis no mundo, para os quais meios e fins são um e o mesmo, trabalhando para que cada pessoa seja tratada como importante, valorizando assim, as inter-relações e o tecido social.

Por sua história milenar e rica, a Igreja pode trazer à sociedade esta noção anti-materialista, mostrando que não basta apenas “lutar contra tudo o que está aí”, mesmo sem ter ideia do que se quer depois. Apontar para o passado é também indicar um futuro, e a história e solidez da Igreja podem ajudar os indivíduos e o grupo social a terem a noção de sentido, pertencimento e ação para o futuro.

5. Conclusão

“Se você fosse preso, acusado de ser cristão, haveria provas suficientes para condená-lo?” (David O. Fuller)

O chamado de Yahweh, por meio de Amós, é um chamado a darmos provas constantes, dentro da sociedade em que estamos inseridos, de nossa filiação. Buscar ao SENHOR e viver. Viver plenamente aqui, pela graça de Cristo, perfeitamente na vida que está por vir.

REFERÊNCIAS

BARROSO, Luis Roberto. *Estado deve se abster de promover ou dificultar o exercício de qualquer religião*. Disponível em: <http://www.conjur.com.br/2015-jun-14/roberto-barroso-estado-abster-promover-qualquer-religiao>. Acesso em: 26 de setembro de 2015.

BETTO, Frei. *Liberdade e justiça social*. Disponível em: http://amaivos.uol.com.br/amaivos2015/?pg=noticias&cod_canal=53&cod_noticia=13419. Acesso em: 29 setembro de 2015.

BOFF, Leonardo. *A cultura do capital é anti-vida e anti-felicidade*. Disponível em: <https://leonardoboff.wordpress.com/2015/04/17/a-cultura-do-capital-e-anti-vida-e-anti-felicidade/>. Acesso em: 28 setembro de 2015.

CERVEIRA, Sandro Amadeu. *Protestantismo Tupiniquim, Modernidade e Democracia: limites e tensões da(s) identidade(s) evangélica(s) no Brasil contemporâneo*. Disponível em: http://www.pucsp.br/rever/rv1_2008/t_cerveira.htm. Acesso em: 29 de setembro de 2015.

Amos. In: *Bible Study Tools*. Disponível em: <http://www.biblestudytools.com/>

commentaries/matthew-henry-complete/amos/5.html. Acesso em: 29 de setembro de 2015.

Amos. In: *Concordia Theology*. Disponível em: <http://concordiatheology.org/2012/10/proper-23-%E2%80%A2-amos-56-7-10-15-%E2%80%A2-october-14-2012/>. Acesso em: 28 de setembro de 2015.

Amos. In: *Hypertext Bible Commentary*. Disponível em: http://www.bible.gen.nz/amos/lectionary/amos5_6.htm. Acesso em: 28 de setembro de 2015.

HARRIS, R. Laird; ARCHER Jr. Gleason L.; WALTKE, Bruce K. *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento* (São Paulo: Vida Nova, 1998).

HUFF JR. Arnaldo Erico. Protestantismo, Modernização e Estado Leigo: Luteranos confessionais entre a ortodoxia e a laicidade nos inícios da era Vargas. In: *Revista de Estudos da Religião*. Março / 2008 / pp. 1-26.

KEIL, Karl F.; DELITZSCH, Franz. *Amos*. Disponível em: <http://www.studylight.org/commentaries/kdo/view.cgi?bk=29&ch=0> Acesso: 29 de setembro de 2015.

The Lutheran Study Bible. St Louis, CPH, 2009.

UNGER, MERRILL F. *Unger's Bible Handbook* (Chicago: Moody Press, 1967).

WALTHER, C.F.W. *Lei e Evangelho* (Porto Alegre: Concórdia, 1998).



Lucas André Albrecht

Sobre o autor

Formado em Teologia pelo Seminário Concórdia (IELB) em 1998. Graduado também em Jornalismo e Teologia pela ULBRA, com diploma de especialização em Gestão de Pessoas e é mestre em Teologia (MST) pelo Seminário Concórdia. Em 2022, ingressou como aluno no *Doctor of Ministry Program* do Concordia Seminary, St. Louis, EUA. É casado e pai de dois filhos, atualmente servindo como Associate Pastor na Mount Olive Lutheran Church em Regina, Canadá.

Povo de Deus: quem são os evangélicos e por que eles importam

Valmir Milomem



Publicado em 2020 pela Geração Editorial, o livro *Povo de Deus: quem são os evangélicos e por que eles importam*,¹ do autor Juliano Spyder, é uma das mais recentes obras lançadas no Brasil cujo propósito é apresentar uma explicação das características e dos fatores sociológicos do crescimento e importância das igrejas evangélicas no Brasil. Fugindo do estilo técnico e acadêmico, comum em obras de sociologia da religião, *Povo de Deus*, finalista no Prêmio Jabuti de 2021, se apresenta como uma leitura fácil e didática para o público em geral. O livro procura afastar os preconceitos e estereótipos em torno desse segmento e chamar a atenção para o capital social e para a força cultural, econômica e política principalmente das denominações pentecostais, responsáveis por alavancar o crescimento do cristianismo evangélico no país.

¹SPYER, Juliano. *Povo de Deus: quem são os evangélicos e por que eles importam* (São Paulo: Geração Editorial, 2020).

O autor é mestre e doutor em antropologia pela University College London, e publicou, dentre outros, *Mídias sociais no Brasil emergente* (2018) e *Conectado* (2007). O objetivo declarado da obra é argumentar que os evangélicos se tornaram o elefante na sala dentro da realidade brasileira: o fenômeno de massas mais importante das últimas décadas que é tratado como se ele não estivesse ali. Isso porque, apesar da exposição controlada na mídia, os evangélicos geralmente são apresentados como fanáticos, conservadores ou intolerantes.

Em face dessa visão negativa, Spyer defende a popularização do entendimento comum entre sociólogos e antropólogos da religião segundo o qual o ingresso em uma igreja evangélica melhora as condições de vida dos brasileiros, por meio da mudança de hábitos que levam ao fim do alcoolismo e da violência doméstica, por exemplo. Além disso, fortalece a autoestima, promove a disciplina para o trabalho e o aumento do investimento familiar em educação e saúde, acarretando, conseqüentemente, a ascensão econômica.

Spyer enfatiza que o cristianismo evangélico reforça entre os mais vulneráveis os sentimentos de dignidade e respeito próprio, ao tempo em que apresenta aos jovens das comunidades carentes importante perspectiva de vida alternativa ao crime e uma porta de saída aos dependentes químicos e ex-criminosos. Em tom crítico, ele declara que “o crescimento do cristianismo evangélico no Brasil tem menos a ver com pastores oportunistas e carismáticos, e mais com a influência das igrejas na vida dos mais pobres”.² As igrejas evangélicas exercem, em sua leitura, um papel significativo de bem-estar social informal, ocupando espaços frequentemente abandonados pelo Poder Público. Em suas palavras, elas levam “para os moradores da periferia aquilo que não chega pelos serviços do Estado”.³

Embora o título da obra se refira aos evangélicos em geral, Spyer demonstra os problemas de uma visão genérica deste segmento cristão, visto não se tratar de um grupo homogêneo, mas social e doutrinariamente diverso, apesar dos pontos em comum. Por essa razão, o principal foco de seu exame são os pentecostais, ramificação do cristianismo evangélico mais numeroso no país que se distingue dos protestantes históricos e neopentecostais. Apesar de menosprezado como “o primo pobre do interior”, o segmento pentecostal cresceu exponencialmente a

²Ibidem, p. 22.

³Ibidem, p. 38.

par do seu ímpeto missional característico, levando a abertura de igrejas em localidades remotas e marginais.

Após rememorar as origens do movimento pentecostal no Brasil no início do século 20, com a fundação da Congregação Cristã e da Assembleia de Deus, que se espalharam principalmente pelas regiões periféricas das cidades, o autor enfatiza o caráter popular que tais organizações evangélicas assumiram na sociedade brasileira, com forte participação dos pobres e excluídos. Imbuído de uma moralidade ascética e sectária, de afastamento do “mundo”, o apelo do pentecostalismo vem de sua capacidade de reduzir o impacto da desigualdade em contextos de instabilidade econômica e violência urbana, proporcionando uma nova rede de relacionamentos e uma família estendida. Fazendo uso de diversas pesquisas, Spyer sustenta que o “povo de Deus”, nessa acepção pentecostal, é formado em sua maioria por pessoas de baixa renda, são predominantemente urbanos, jovens, do sexo feminino, negros ou pardos, e possuem menos escolaridade e salários mais baixos do que a média da população.⁴ Citando o livro de Marco Davi de Oliveira, lembra que o pentecostalismo é a religião mais negra do Brasil.

Estruturalmente, o livro encontra-se dividido em sete partes, com os seguintes títulos: 1) Noções fundamentais — sobre o que estamos falando; 2) Cristianismo e preconceito de classe; 3) Evangélicos na mídia e mídia evangélica; 4) Consequências positivas do cristianismo evangélico; 5) A religião mais negra do Brasil; 6) Reciclagem de almas — traficantes e cristianismo; e, 7) A esquerda e os evangélicos. Contém, ainda, uma seção conclusiva denominada: “A instrumentalização da fé: igrejas no poder”. Todo esse conteúdo se desenvolve ao longo de quarenta e oito capítulos.

Cuida-se, portanto, de uma pesquisa de fôlego, na qual o autor se esforça para apresentar uma espécie de manual para a compreensão sociológica do movimento evangélico no país, tentando ao máximo desfazer os preconceitos e rótulos midiáticos em torno desse segmento social. Para tanto, Spyer se vale de uma considerável base teórica de pesquisa, ao colacionar importantes dados e citações de referências nacionais e internacionais em torno do assunto.

Inegavelmente, *Povo de Deus* traz ao cenário um tema que merece ser debatido com maturidade, dada a relevância social que os evangélicos passaram a exer-

⁴Ibidem, p. 77.

cer nas últimas décadas dentro do contexto sociopolítico nacional, com especial relevo para as disputas políticas.⁵ Ao problematizar a questão, o livro contribui para afastar espantalhos e desfazer rótulos impregnados no imaginário de boa parte da população.

A abordagem de Juliano Spyer acerca do perfil e poder social dos pentecostais encontra ressonância em muitos outros estudiosos do tema. Em obra na qual apresenta um panorama global do pentecostalismo, por exemplo, Allan Anderson mostra como os pentecostais em muitas partes estão promovendo engajamento social. Segundo ele, no mundo inteiro, pentecostais estão hoje envolvidos de maneiras práticas, cuidando dos pobres e necessitados, aqueles muitas vezes “indesejados” pela sociedade geral. Anderson afirma que as congregações pentecostais também “oferecem serviços de assistência social para famílias necessitadas, doentes, pessoas que sofreram abusos e idosos, além de proporcionarem modelos de ação e pais substitutos para crianças”.⁶ Ele cita o envolvimento de alguns pentecostais na luta contra o *apartheid* na África do Sul, e iniciativas de igrejas que formam sociedades funerárias, programas de alfabetização infantil, educação de adultos e assistência financeira para membros carentes. Afinal, como explica Joel Robbins, o pentecostalismo é “um impulsionador poderoso de mudanças culturais radicais”.⁷

O sociólogo David Martin, citado por Spyer, observou o impacto social dos pentecostais na América Latina, em um contexto de desigualdade, violência familiar e prostituição. Com referência às dificuldades que as famílias pobres no Brasil enfrentam, atingidas pela força da “cultura do machismo, bebida, conquista social e carnaval”,⁸ ele destaca: “É uma competição entre a casa e a rua, e o que restaura a casa é a descontinuidade e a transformação interior oferecidas por uma fé exigente e disciplinada com limites firmes”.⁹

⁵NASCIMENTO, Valmir. *Entre a fé e a política*: participação dos evangélicos no processo político-eleitoral — reflexões sobre legitimidade, abuso de poder e ética cristã na esfera pública (Rio de Janeiro: CPAD, 2018).

⁶ANDERSON, Allan H. *Uma introdução ao pentecostalismo*: cristianismo carismático mundial (São Paulo: Edições Loyola, 2020), p. 306.

⁷*Apud* ANDERSON, 2020, p. 290.

⁸*Apud* MENZIES, Robert. *Pentecostes*: Essa história é a nossa história (Rio de Janeiro: CPAD, 2016), posição 1894.

⁹*Apud* MENZIES, 2016, posição 1894.

Exemplos claros desse envolvimento social são os laureados com o Prêmio Nobel da Paz em 2018 e 2019, Denis Mukwege e Abiy Ahmed Ali, respectivamente, ambos cristãos pentecostais. No Congo, um país marcado por conflitos e desigualdades, o médico Denis Mukwege criou o Hospital de Panzi e a Cidade da Alegria,¹⁰ uma organização administrada pelas Igrejas Pentecostais na África Central, passando a atuar em nome da saúde e da dignidade de mulheres vítimas de violência sexual. Enquanto isso, como primeiro-ministro da Etiópia, Abiy Ahmed foi responsável por conduzir um processo de pacificação entre o seu país e a Eritreia, após décadas de impasse político e dois anos de violência que custaram mais de oitenta mil vidas.

Como contraponto, julgo oportuno destacar que o reconhecimento das contribuições sociais pentecostais não significa ignorar os erros e omissões de parte dessas igrejas com as questões de natureza social. Tanto a influência da teologia da prosperidade neopentecostal quanto o legalismo sectário que leva ao afastamento do “mundo” remanescem como fatores que devem ser objeto de discussão. Os exemplos de engajamento social e atos de misericórdia no nível público não escondem o fato de que muitos líderes deste segmento ainda mantêm uma visão estreita e individualista, às vezes com total desprezo às ações sociais. Os exemplos contemporâneos da atuação comunitária dos pentecostais simplesmente mostram a nova face desse segmento religioso global, assim como torna evidente a sua capacidade de promover mudanças expressivas com base no seu DNA espiritual de comunhão e serviço.

De volta à abordagem de Spyer, ainda que o autor caminhe bem ao apresentar esse aspecto social das igrejas pentecostais, o título da obra não condiz com o seu teor. Se por um lado as igrejas pentecostais e carismáticas representam em maior número a população evangélica no país, por outro, em termos sociológicos, o povo e Deus, dentro da realidade brasileira, não é sinônimo de pentecostalismo. Conquanto isso não seja dito na obra, e ainda que Spyer tenha trabalhado para deixar transparecer os distintivos da fé pentecostal em relação às igrejas tradicionais, o título induz a outra ideia.

Em minha percepção, o ponto sensível da obra reside na tentativa de fundamentação e direcionamento ideológico para a aproximação — notadamente

¹⁰Documentário disponível na Netflix com o nome *City of joy — onde vive a esperança*.

política — com os grupos evangélicos. Aliás, o autor registra que uma das motivações para escrever o livro foi perceber o voto evangélico no resultado da eleição presidencial de 2018. Para tanto, após criticar o histórico afastamento dos políticos e partidos de esquerda em relação a este segmento, Spyer deixa transparecer o interesse nada velado de que esse alinhamento ocorra. O autor mostra preocupação com o capital político que esse segmento representa, especialmente quando a força evangélica é instrumentalizada para projetos de poder.

No capítulo 45 declara: “No centro da instrumentalização da fé com finalidades políticas está a Frente Parlamentar Evangélica (FPE) no Congresso Nacional, que hoje é composta de 120 parlamentares ativos, um recorde desde sua fundação em 2002 quando eram 59 deputados”.¹¹ Tal instrumentalização da fé com finalidade eleitoral, prossegue Spyer, “se dá a partir do argumento de que a igreja e o plano evangelizador de Deus correm perigo”.¹² Na medida em que elegem políticos a partir dessas pautas conservadoras, Spyer diz que os próprios evangélicos residentes em regiões carentes são afetados pelas políticas:

[...] mesmo quando não são eles as vítimas da política, a defesa de posições conservadoras moralmente leva evangélicos, que geralmente são negros ou pardos pobres, a eleger candidatos que se alinham às forças mais conservadoras, tradicionais e elitistas do país, como a bancada da bala e do agronegócio. E o fortalecimento desse conservadorismo se volta contra os mesmos negros e pardos pobres, via defesa do maior uso da força policial em bairros periféricos, ou indiretamente, por esses representantes eleitos não dedicarem a mesma energia e atenção a temas que afetam a desigualmente no país, como o combate à corrupção.¹³

Segundo o autor, existe em curso no Brasil um projeto de poder que segue um caminho parecido como dos grupos evangélicos dos Estados Unidos, com ênfase em valores conservadores, família tradicional e liberdade religiosa. Para mudar esse panorama, Spyer convoca os eleitores a saírem da zona de conforto, e “considerar as consequências perversas da infiltração do cristianismo evangélico

¹¹SPYER, *Povo de Deus*, p. 196.

¹²Ibidem, p. 190.

¹³Ibidem, p. 195-6.

no governo”,¹⁴ conforme se percebe, conforme aduz, no lema do governo federal: “Deus acima de todos”.

Apesar do tom de crítica às posturas evangélicas conservadoras em relação à agenda climática, com pouca atuação na defesa dos direitos indígenas, combate ao desmatamento e desprezo pela ciência, conclui o capítulo 48 quase como uma mensagem de esperança para esse segmento religioso. Isso porque, apesar da teologia da libertação surgida da igreja Católica — que apontou para ideias de que era possível transformar o mundo combatendo as injustiças sociais e agindo sobre o Estado — tenha perdido apelo “diante do projeto protestante historicamente individualista”,¹⁵ parece ser possível hoje uma participação da religião evangélica alinhada com pautas progressistas. A resposta cultural seria, para o autor, o pentecostalismo, por causa de suas origens e de diversas características que o habilitam a promover a mudança social. Com efeito, a perspectiva é que o pentecostalismo continue a se expandir e se torne ainda mais importante no futuro, e é por isso que devemos olhar para esse fenômeno com a devida atenção.

Em primeiro lugar, o final triunfalista de Spyer revela um erro de fundamentação e direcionamento sociológico aos grupos pentecostais, que vincula pobreza e marginalidade com política progressista e teologia da libertação. Isso é comum principalmente em autores que fazem uma avaliação remota, como é o caso de Harvey Cox¹⁶ e outros autores,¹⁷ ao ligar o crescimento do pentecostalismo na América Latina com o progressismo teológico, nos moldes da teologia da libertação. Ocorre que a atuação solidária e o cuidado com o pobre adotados pelas comunidades pentecostais não se confundem com ideologia ou ação política. Aceitar que o pentecostalismo endosse essa perspectiva teológica em razão da sua trajetória e preocupação com os excluídos sociais, que formam boa parte dessa comunidade cristã, equivale a aceitar a enganosa ideia de que se preocupar com a pobreza e as desigualdades são marcas exclusivas dessa corrente teológica. Não existe, afinal, um monopólio político-ideológico sobre o cuidado com os vulneráveis.

¹⁴Ibidem, p. 208.

¹⁵Ibidem, p. 216.

¹⁶COX, Harvey. *O futuro da fé* (São Paulo: Paulus, 2015), p. 185.

¹⁷Cf. WILKINSON, Michael; STUDEBAKER, Steven M. *A liberating Spirit: pentecostals and social action in North America* (Eugene, Oregon: Pickwick Publications, 2010).

Não bastasse isso, o pentecostalismo foi e continua sendo majoritariamente conservador nos costumes e em sua teologia. A sua contribuição no enfrentamento da pobreza, do racismo e da opressão é feita não em nome de uma agenda ideológica ou de um princípio político. Como expressou o sociólogo francês Jean-Paul Willaime, “o pentecostalismo dá a voz direta ao homem ‘simples’ convertido, um acesso direto à linguagem de Deus, revela uma democracia da expressão”.¹⁸ Ele diz: “Se a teologia da libertação era uma teologia ‘para os pobres’, o pentecostalismo é uma teologia ‘dos pobres’”. Por isso, o pentecostalismo não possui causas sociais, não arvora bandeiras identitárias, de defesa das minorias ou de combate ao pecado estrutural, mas todas essas preocupações são vistas na prática como reflexo de uma forma de vida comunitária simples.¹⁹

Em segundo lugar, ressaltado o aspecto sociológico apresentado, a proposta da obra de Juliano Spyer parece contradizer a sua própria crítica à instrumentalização da fé (pelos assim chamados “neoconservadores”), pois, a par de uma leitura acurada do livro, ao que tudo indica, há uma tentativa de se levar à instrumentação da fé do povo de Deus para o viés progressista. Afinal, além da descrição sociológica de quem seja o povo de Deus, há certa proposta implícita de como esse povo deveria ser em termos políticos, razão pela qual deveriam os partidos políticos se preocuparem com essa gente.

No fundo, abaixo da ponta do *iceberg*, encontra-se a antiga discussão que move a política, acerca do poder dos grupos sociais, que em nossos dias se resume em essência às estratégias para vencer as eleições. A preocupação com esse aspecto, pelo autor, parece ser a “cereja do bolo” na parte 7 — “A esquerda e os evangélicos”. Ali, Spyer lembra que em 2016, Hilary Clinton perdeu as eleições americanas para Donald Trump, principalmente porque durante a campanha

¹⁸O enfraquecimento do protestantismo. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs2101200115.htm>. Acesso em: 31/03/2022.

¹⁹Gutierrez Siqueira captou essa realidade com as seguintes palavras: “O pentecostalismo ajudou a quebrar o pecado estrutural de muitos preconceituosos não com um discurso ressentido ou com uma revolta revolucionária, mas com o poder do Espírito, aquele que é derramado sobre toda carne, isto é, sobre todo tipo de pessoas. O Espírito Santo é doador, é gracioso e quebra as cadeias da injustiça enquanto exalta a pessoa de Cristo na vida do crente em Deus”. SIQUEIRA, Gutierrez; TERRA, Kenner. *Autoridade Bíblica e experiência no Espírito* (São Paulo: Thomas Nelson Brasil, 2020), p. 239.

não teria se comunicado adequadamente com todos os grupos sociais. Enquanto isso, no Brasil, em 2018, foi eleito o primeiro bispo evangélico para o cargo de Governador do Estado do Rio de Janeiro, Marcelo Crivella, vencendo no segundo turno o então deputado estadual do PSOL Marcelo Freixo. Isso ocorreu porque Freixo teria arrogantemente se distanciado do eleitor pobre e evangélico. Apesar do seu discurso ter incluído denominações históricas como batistas, metodistas e presbiterianas, acabou deixando de lado os evangélicos pobres, que compõe o maior grupo eleitoral naquele estado e no Brasil, citando o sociólogo Roberto Dutra.

Realçando o erro estratégico eleitoral da esquerda em relação aos evangélicos, Spyer cita um trecho da entrevista do pastor Henrique Vieira, ligado ao PSOL e ao candidato derrotado, Marcelo Freixo: “Nessa experiência evangélica [neopentecostal], que cresce de maneira vertiginosa no Brasil hoje, nós temos que perceber com muita humildade, e captar os dispositivos progressistas que existem [dentro dessas igrejas]”. Segundo Vieira, é preciso capturar as características e condições de vida e compreender a teologia de empoderamento dessas pessoas. Apesar de tema polêmico dentro de ambientes de esquerda, por ver no fenômeno neopentecostal uma versão religiosa da ideologia neoliberal (p. 168), afirma que em vez de rechaçar o movimento deveriam reinterpretar o seu sentido. Com efeito, para acabar com a dificuldade de comunicação entre grupos progressistas e grupos evangélicos, é necessário, segundo afirma, desfazer os preconceitos existentes e promover diálogo com a base evangélica, em vez de alianças de ocasião com a cúpula das organizações religiosas, sob o entendimento de que tais apoios não conduzem a um tipo de voto evangélico em massa.

Percebe-se, portanto, a preocupação do autor não somente com o estereótipo dos evangélicos, mas sobretudo com a forma equivocada com que os grupos progressistas tratam eleitoralmente o *povo de Deus*. Além do conteúdo explícito do livro, o autor deixa duas mensagens bem subentendidas para o leitor. Primeiro, que os evangélicos pentecostais se encontram em uma situação de marginalidade e pobreza, cujas características de vulnerabilidade se identificam com a esquerda política. Segundo, para conquistar esse público, ante o poder do voto evangélico, faz-se necessária uma nova abordagem de aproximação e diálogo, que identifique elementos supostamente progressistas dentro de suas práticas, reinterpretando sua teologia à luz da visão política de esquerda.

Sendo assim, concluo a presente resenha crítica afirmando que o livro *Povo de Deus: quem são os evangélicos e por que eles importam*, do autor Luciano Spyer, possui a virtude de trazer à discussão o perfil desse segmento religioso no Brasil, com ênfase para o pentecostalismo e seu perfil marginal. A quebra de preconceitos é importante para a estabilidade social e para o fortalecimento da democracia. Por outro lado, a abordagem ideológica conferida pelo autor ao longo da sua obra, como forma de estratégia intelectual de apreensão dos interesses dos evangélicos, para os fins da esquerda política, leva a um tipo de instrumentalização da fé que ele mesmo critica. Se é certo que a fé religiosa não deve servir de capital político e exercício de poder por supostos conservadores, é certo também que não pode ser instrumento de qualquer outro espectro político, notadamente da esquerda.

Finalizo ressaltando ao público evangélico, em especial, os riscos teológicos e democráticos em todo tipo de idolatria política, que se manifesta através das ideologias que prometem salvação e esperança fora do Cristo, o Salvador. Enfatizo, ainda, o necessário cuidado que se deve ter com as tentativas de sequestro o cooptação dos interesses da comunidade evangélica, seja mediante convites e acordos abertos ou por meio de empreendimentos velados que escondem interesses inconfessos. Fica a lembrança do erro de Josué e do povo de Israel que innocentemente foram enganados com o discurso ardiloso e com a estratégia astuciosa dos gibeonitas, ao se apresentarem com roupas e sapatos velhos, odres rotos e pães bolorentos (Js 9).

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, Allan H. *Uma introdução ao pentecostalismo: cristianismo carismático mundial* (São Paulo: Edições Loyola, 2020).
- COX, Harvey. *O futuro da fé* (São Paulo: Paulus, 2015).
- MENZIES, Robert. *Pentecostes: essa história é a nossa história* (Rio de Janeiro: CPAD, 2016).
- SIQUEIRA, Gutierrez; TERRA, Kenner. *Autoridade Bíblica e experiência no Espírito* (São Paulo: Thomas Nelson Brasil, 2020).
- SPYER, Juliano. *Povo de Deus: quem são os evangélicos e por que eles importam* (São Paulo: Geração Editorial, 2020).



Valmir Milomem

Sobre o autor

Doutorando em Filosofia Social e Política (Unisinos). Mestre em Teologia e Graduado em Direito. Possui pós-graduação em Estado Constitucional e Neutralidade Religiosa. 3º Vice-Presidente Acadêmico do Instituto Brasileiro de Direito e Religião - IBDR. Pastor da Assembleia de Deus de Cuiabá/MT.

Jesus e John Wayne entre os deploráveis: quando o ativismo se disfarça como história

Michael Young



O evangelicalismo perdeu o rumo. É uma mensagem popular na esquerda na era pós-Trump. Para começo de conversa, a esquerda nunca gostou dos evangélicos — muito conservadores, muito antigays, muito públicos em suas objeções aos credos seculares, eles diriam — mas Trump, a quem os evangélicos apoiaram em massa, deu a seus críticos uma nova acusação para nivelá-los: hipocrisia. Esses grandes e poderosos moralizadores, a esquerda disse, estavam dispostos a abandonar qualquer princípio para buscar poder político. Eles não tinham direito algum de pregar aos outros valores que eles não praticavam.

O escritor evangélico David French tem estado no meio dessa conversa escrevendo sobre a intersecção da fé evangélica, política e a corrupção em artigos como “Porque cristãos se ligam a líderes corruptos”, “Uma nação de cristãos não é necessariamente uma nação cristã”, e “Desconstruindo políticos evangélicos brancos”.

“Desconstruindo’ é um tópico popular na elite evangélica” diz French. “É uma palavra com muitos significados. Na melhor das hipóteses, pode representar um reexame honesto e crítico não apenas de sua fé pessoal, mas também da teologia e do comportamento de sua comunidade de fé. Nós devemos estar em um constante processo de interrogação das nossas próprias crenças e ações à luz da pessoa e exemplo de Jesus Cristo. Políticos evangélicos brancos devem ser desconstruídos.”

História, ou algo mais?

Kristin Kobes Du Mez, cujo livro, *Jesus and John Wayne: how white evangelicals corrupted a faith and fractured a nation* [Jesus e John Wayne: como evangélicos brancos corromperam uma fé e fraturaram uma nação], é citado por French como “um argumento convincente e desafiador”. Du Mez fornece um relato histórico do “caminho que termina com John Wayne” — contraposto a Cristo — “como um ícone do cristianismo”, de “áspera, heroica masculinidade encarnada por cowboys, soldados, e guerreiros para apontar o caminho a seguir”. É o relato de uma igreja que mercantilizou o cristianismo, entrelaçou fé e política de direita, e “invocou uma sensação de perigo em vista de oferecer aos seguidores temerosos sua própria marca de verdade e proteção” e alimentar “militância evangélica”. É uma igreja que tem esquecido Cristo.

Nós poderíamos aceitar, para fins de argumentação, alguns aspectos de seu relato. A variedade de falhas morais de grandes figuras no evangelicalismo estão bem documentadas. Nós também poderíamos contestar outras reivindicações, como vários revisores fizeram aqui [<https://mereorthodoxy.com/accusations-a-rent-evidence-responding-jesus-john-wayne/>], aqui [<https://adfontesjournal.com/book-review/jesus-and-john-wayne-a-review/>] e aqui [<https://shenviapo-logy.com/cowboy-christianity-a-short-review-of-du-mezs-jesus-and-john-wayne/>]. Contudo, também para não duplicar o trabalho de outros, iremos nos focar nos problemas fundamentais de sua estrutura teórica.

Os fatos relatados em qualquer trabalho histórico são importantes, mas também são os usos que esses fatos têm, as ferramentas utilizadas para analisar esses fatos, e as conclusões que são tiradas desses fatos. Detalhes precisos podem ser escolhidos a dedo e omitidos, e qualquer um deles pode permitir a criação de uma narrativa falsa ou deixar o leitor com uma impressão falsa. Em suma, o que queremos saber é se as ferramentas e análises que Du Mez emprega na curadoria de seu

registro histórico são sólidas ou não, e se as conclusões que ela tira desse registro acurado são ou não justificadas. Ou seja, queremos saber se a *Casa de Jesus e John Wayne* foi construída sob uma base intelectual sólida, e minha opinião é que não foi.

Jesus and John Wayne é uma ideia construída na areia movediça do pós-modernismo. Nenhum cristão interessado em sua tese pode ignorar as implicações de sua metodologia. Aceitar seu trabalho é aceitar a desconstrução pós-moderna do cristianismo.

Para entender *Jesus and John Wayne*, é melhor ver como um tipo de resposta a questão: “Por que cristãos evangélicos, com suas éticas morais cristãs muito conservadoras, se tornaram a espinha dorsal de apoio por trás de Donald Trump, um homem que é famoso por sua linguagem rude e conhecido por suas (admitidas) infidelidades conjugais?” Esta é a pergunta que Du Mez procura responder em sua obra.

Du Mez tenta determinar o que exatamente os evangélicos conservadores acreditam sobre masculinidade, e como isso se assemelha a visão deles sobre quem na sociedade deve estar em posição de poder. Ela afirma descobrir as razões sociológicas e históricas mais profundas pelas quais os evangélicos passaram a ter essas visões sobre gênero e poder. Enquanto ela faz isso, Du Mez documenta escândalo após escândalo entre a liderança nos círculos evangélicos. Ela demanda especial atenção nos escândalos envolvendo líderes evangélicos na frente de fogo da batalha da “guerra cultural”. Du Mez traz à tona inúmeros exemplos de pessoas que foram pegas em escândalos financeiros, escândalos sexuais, escândalos de abusos, e vários outros acobertamentos para esconder todos esses escândalos do público.

Tudo isso ela entende que se soma às conclusões de que o evangelicalismo é racista, sexista, homofóbico e que o evangelicalismo, como está, precisa ser “desfeito”.

Du Mez prontamente admite que o trabalho dela é um trabalho de desconstrução, e que ela é influenciada pelo trabalho do filósofo pós-moderno, Michel Foucault.¹ Muito de *Jesus and John Wayne* é uma arqueologia foucaultiana do discurso evangélico em torno da masculinidade e uma genealogia foucaultiana de como esse discurso se desenvolveu.

¹Kristin Du Mez, post no Twitter, 01/01/2022, 11:08 p.m., <https://twitter.com/kkdumez/status/1477491956121051141?s=20&xt=dEaTFifQSEk3As57T6vCZA>; Kristin Du Mez, Twitter post, 31/12/2021, 12:53 p.m., <https://twitter.com/kkdumez/status/1476974873377443844?s=20&xt=dEaTFifQSEk3As57T6vCZA>.

Se seguirmos os métodos pós-modernos até suas últimas conclusões, eles dissolverão todo sistema de crenças e toda estrutura filosófica a que são aplicados, incluindo o próprio pós-modernismo. Uma filosofia ou outro método que dissolve tudo e não prova nada, prova o fato que a própria filosofia ou método em si é falho. Assim é o pós-modernismo.

Desilusões evangélicas

Por conta própria, Du Mez está tentando mostrar que “construções como ‘visão de mundo cristã’ podem refletir os interesses daqueles que as moldam, mesmo às vezes distorcendo o ensino bíblico”. O problema é que ela nunca faz uma análise adequada se as doutrinas, ideias e crenças que ela critica dessa maneira são verdadeiras ou não.

Raramente Du Mez argumenta que a teologia dos evangélicos é errada em seus méritos. Ela não mostra que eles fizeram um erro interpretativo, ela nem sequer argumenta, prova, demonstra, ou de outra forma mostra que os princípios do evangelicalismo americano não são garantidos. Na verdade, ela afirma que eles são definidos por compromissos culturais e políticos e, em seguida, faz inferências negativas apenas com base nisso. Du Mez está tentando derrubar o edifício da teologia evangélica apelando para elementos da situação sociológica em que as reivindicações e justificativas teológicas evangélicas foram formadas. Na fala de Du Mez, as preocupações dos evangélicos sobre família são, na verdade, sobre sexo e poder, suas visões sobre inerrância bíblica são, na verdade, um substituto para lutas sobre gênero, e a oposição deles sobre aborto são, na verdade, uma tentativa de empurrar contra os benefícios trazidos pelo feminismo. Argumentos desse tipo reinam em *Jesus and John Wayne*.

O método se baseia na falácia que tem sido refutada por John Searle, nomeadamente:

Se temos justificção por nossas crenças, e se as justificções compelem o critério racional, então o fato de que todos os tipos de elementos em nossa situação social que nos movem a acreditar em uma coisa ao invés de outra pode ser um interesse histórico ou psicológico, mas está realmente fora do ponto das justificativas e da verdade ou falsidade da afirmação original.²

²John R. Searle, “The word turned upside down,” *New York Review of Books*, 27/10/1983, <https://www.nybooks.com/articles/1983/10/27/the-word-turned-upside-down/>.

Esse é o cerne do problema do livro de Du Mez. Seu relato sobre os evangélicos — eles são movidos por motivos errados, agendas ocultas, preconceitos injustos e busca de poder; eles são cúmplices de uma litania de coisas terríveis — não é um argumento. Du Mez está tentando derrubar o edifício da teologia evangélica ao apontar elementos da situação sociológica em que as reivindicações e justificativas da teologia evangélica foram formadas na luz menos caridosa possível. Mas, como Searle aponta, nossa situação sociológica nos inclinar ou não para uma crença não faz diferença para saber se essas crenças são *verdadeiras* ou não.

O verdadeiro perigo aqui é que acabamos com um modo de analisarmos e entendermos teologia que é em última instância, desancorada da verdade. Não importa se Du Mez se percebe operando de maneira tão desconstrucionista: seu método deixa de lado o difícil trabalho de determinar a verdade e o substitui pelo substituto barato de especular sobre os interesses e motivos perceptíveis das pessoas. Searle descreve o perigo da crítica desancorada pela busca da verdade:

Quais os resultados que se esperam da desconstrução? A característica do desconstrucionista é não tentar provar ou refutar, estabelecer ou confirmar, e certamente não está buscando a verdade. Ao contrário, toda essa família de conceitos faz parte do logocentrismo que ele quer superar; em vez disso, ele procura minar, ou questionar, ou superar, ou violar, ou revelar cumplicidades.³

Dessa maneira, Du Mez, pensa que ela pode “ver através” das lentes teológicas dos evangélicos, e por isso, pode deixá-los de lado. Em um trecho na seção conclusiva de *Jesus and John Wayne*, Du Mez deixa isso claro:

Apesar das frequentes afirmações dos evangélicos de que a Bíblia é a fonte de seus compromissos sociais e políticos, o evangelicalismo deve ser visto como um movimento cultural e político, e não como uma comunidade definida principalmente por sua teologia. As visões evangélicas sobre qualquer assunto são facetas dessa identidade cultural mais ampla, e nenhum número de versículos da Bíblia desalojará as verdades maiores no centro dela.⁴

³Searle, “The word turned upside down.”

⁴Kristin Kobes Du Mez, *Jesus and John Wayne: how white evangelicals corrupted a*

Isso literalmente não pode ser contradito. Ninguém pode argumentar com isso porque qualquer evangélico que conteste o relato de fé de Du Mez, está em dívida, com as “facetas da identidade cultural maior [do Evangelismo]”, incapaz de ver a verdade de sua situação. Não importa o que evangélicos dirão como resposta. Não importa o que eles sinceramente acreditam. Ela irá dizer a eles que eles não compreenderam o evangelicalismo como um fenômeno. Ela irá considerar somente aqueles argumentos que aceitam sua estrutura e se abster de quaisquer apelações teológicas, porque o evangelicalismo não é definido pela teologia, não importa o que os próprios evangélicos alegam.

Uma vez que o leitor perceber que é isso o que Du Mez trama, ele terá noção do como ela chegou a muitas de suas conclusões. Ela simplesmente ignora as alegações do próprio evangélico sobre o que move ele, e decide analisar o evangelicalismo pelas lentes do cinismo que ela construiu. As calúnias de Du Mez são tão casuais quanto amplas:

À medida que os evangélicos começaram a se mobilizar como uma força política partidária, eles o fizeram reunindo-se para defender os “valores familiares”. Mas a política de valores familiares nunca foi sobre proteger o bem-estar da família. Fundamentalmente, os “valores familiares” evangélicos implicavam a reafirmação da autoridade patriarcal. Em seu nível mais básico, a política de valores familiares era sobre sexo e poder.⁵

Pegou a ideia? Du Mez joga de lado o estado motivacional do evangélico sobre se cuidar das famílias. O leitor pró-família é dito que sua real preocupação é sexo e poder. Isso é Foucault puro. Foucault é famoso (ou infame) por argumentar que o desejo por verdade em um tópico específico normalmente são máscaras de perseguição pelo poder, ou são corrompidas por perseguir o poder. Isso é o que vemos aqui.

O que Du Mez está fazendo aqui é precisamente o que John Searle disse que a desconstrução faz. Ela “procura minar, ou questionar, ou superar, ou violar, ou divulgar cumplicidades”. Por isso leitores simpáticos devem manter em mente que ela é engajada em um projeto deliberado: a desconstrução do evangelicalismo

faith and fractured a nation (Liveright Publishing, New York, 2020), p. 365.

⁵Du Mez, *Jesus and John Wayne*, p. 110.

e o desmantelamento da visão evangélica sobre masculinidade. Ela não tropeçou em tal projeto; ela prontamente admite que é o objetivo de seu trabalho:

Embora o culto evangélico da masculinidade remonta a décadas, seu surgimento nunca foi inevitável. Ao longo dos anos, ela foi abraçada, ampliada, desafiada e resistida. Os próprios homens evangélicos promoveram modelos alternativos, elevando a gentileza e o autocontrole, o compromisso com a paz e o despojamento do poder como expressões da autêntica masculinidade cristã. No entanto, entender o papel catalisador que a masculinidade cristã militante desempenhou ao longo do último meio século é fundamental para entender o evangelicalismo americano hoje e o cenário político fraturado da nação. Entender como essa ideologia se desenvolveu ao longo do tempo também é essencial para quem deseja desmantelá-la. O que já foi feito também pode ser desfeito.⁶

Evangélicos não estão acima da crítica. Entretanto, não é suficiente apontar que há hipocrisia, mau comportamento, atos errados, ou dor causada por quem mantém uma certa visão. Há muito disso associado com cada visão, e em todo movimento. Entre outras coisas, Du Mez acusa evangélicos de hipocrisia, virando um olho cego para abuso de poder, e fazendo de valores familiares ser sobre sexo e poder. Mesmo se admitíssemos que essas coisas fossem verdadeiras (e não exageradas por meio de omissões e fatos escolhidos a dedo), o que isso teria a ver com as alegações teológicas em jogo? Du Mez nos pede para desmantelar o evangelicalismo americano sem nunca demonstrar que seus pontos de vista são falsos. Não há necessidade de demonstrar que os pontos de vista dos evangélicos são falsos; melhor simplesmente persuadi-los a confessar sua culpa e erro.

Desconstrução nunca acaba

Não pode haver ponto de parada no método de desconstrução de Du Mez. Isso ocorre porque Du Mez parece ter adotado mais duas ideias:

1. Todas as visões, inclusive a dela, são construídas histórica e socialmente.⁷

⁶Du Mez, *Jesus and John Wayne*, p. 363.

⁷Kristin Du Mez, post no Twitter, 1 de Janeiro, 2021, 11:02 p.m., <https://twitter.com/kkdumetz/status/1345218989191000064?s=20>.

2. Não há proposições objetivas e atemporais. As proposições devem sempre ser interpretadas, e a interpretação é sempre um produto de circunstâncias históricas e culturais e sempre feita a partir de uma determinada posição cultural e social.⁸

Essas duas ideias fazem Du Mez ter que aceitar um tipo de relativismo epistemológico. Se toda interpretação é uma razão de circunstâncias culturais, e toda interpretação é vinculada por uma posição cultural e social, então conseguir uma interpretação objetiva de qualquer coisa é impossível. Não há duas culturas, épocas ou lugares idênticos e, portanto, nunca haverá duas interpretações de culturas, épocas ou lugares diferentes que sejam idênticas. Se aceitarmos isso, então em que grau podemos julgar a verdade dessas interpretações? Se pessoas de diferentes culturas, tempos e lugares interpretam as Escrituras em formas que são logicamente contraditórias, como nós decidimos a verdade disso, e com qual base nós determinamos que a interpretação decidida é a correta?

É um tipo de relativismo que sai do construtivismo social. Novamente, John Searle descreve da seguinte forma:

O construtivista social está ansioso para expor a construção onde nenhuma suspeitava, onde algo que é de fato essencialmente social passou a mascarar-se como parte do mundo natural. Muitos construtivistas sociais acham isso libertador porque nos liberta da aparente opressão de supor que somos forçados a aceitar afirmações sobre o mundo como questões de fato independentes da mente quando, na realidade, todas são socialmente construídas. Se não gostamos de um fato que outros construíram, podemos construir outro fato que preferimos.⁹

Algo similar está em jogo em *Jesus and John Wayne*, mas ao invés de argu-

⁸Peter Wehner, “Trump is tearing apart the evangelical church,” *The Atlantic*, 24/10/2021, <https://www.theatlantic.com/ideas/archive/2021/10/evangelical-trump-christians-politics/620469/>; Kristin Du Mez, post no Twitter, 20/10/2021, 3:19 p.m., <https://twitter.com/kkdumez/status/1450904437661315083?s=20>; Kristin Du Mez, *A new gospel for women: Katherine Bushnell and the challenge of christian feminism* (Oxford University Press, 2015): “Para as comunidades de fé que acreditam que a Bíblia é a palavra inspirada de Deus, a interpretação bíblica, e não apenas a própria Bíblia, pode assumir um ar de atemporalidade; se o Espírito Santo não está limitado pelo tempo, nem o discernimento é operado pelo Espírito”.

⁹John R. Searle, “Why should you believe it?” *New York Review of Books*, 24/09/2009, <https://www.nybooks.com/articles/2009/09/24/why-should-you-believe-it/>.

mentarmos que “algo que é de fato essencialmente social passou a mascarar-se como parte do mundo natural” Du Mez está lançando as bases para argumentar que as interpretações evangélicas das Escrituras são de fato essencialmente sociais e culturais, mas passaram a mascarar-se como o significado objetivo das Escrituras.

Uma vez que a pessoa tenha aceitado o desconstrutivismo social que Du Mez aderiu, ele não tem outra opção a não ser concluir que é impossível extrair qualquer verdade objetiva e atemporal das Escrituras. Na verdade, se alguém aplicar essas duas ideias a interpretação da verdade generalizada e não somente para interpretação textual, o projeto completo de tentar encontrar qualquer verdade absoluta, objetiva, e eterna, se torna impossível.

Os mesmos métodos que Du Mez usa para ver e deixar de lado as reivindicações evangélicas podem ser usados para ver e deixar de lado todas as reivindicações, incluindo aquelas feitas pela própria Du Mez. Pois é inteiramente possível aplicar ao teórico pós-moderno os mesmos métodos que o teórico pós-moderno aplica a todos os outros.

Para citar C. S. Lewis:

O tipo de explicação que explica as coisas pode nos dar alguma coisa, embora a um custo alto. Mas você não pode continuar ‘explicando’ para sempre: você descobrirá que explicou a própria explicação. Você não pode continuar ‘ver através’ das coisas para sempre.

Todo o objetivo de ver através de algo é ver algo através disso. É bom que a janela seja transparente, porque a rua ou jardim além dela é opaca. Como se você visse através do jardim também? Não adianta tentar ‘ver através’ dos primeiros princípios.

Se você vê através de tudo, então tudo é transparente. Mas um mundo totalmente transparente é um mundo invisível. ‘Ver através’ de todas as coisas é o mesmo que não ver.¹⁰

O tipo de argumentação que pode ver através e dispersar qualquer justifica-

¹⁰C.S. Lewis, *The abolition of man* (San Francisco: HarperCollins, 2009), p. 80-1.

ção por uma crença, pode ser usado para ver através e dispersar *toda* justificação. Se a filosofia pós-moderna é correta no que argumenta, razões e justificativas são máscaras como tentativas de ter poder, então os argumentos, razões e justificativas do teórsta pós-moderno também são vistas da mesma forma. O solvente do pós-modernismo se dissolve em si mesmo.

Entretanto, não é meramente que o pensamento pós-moderno se dissuade em si mesmo, é porque não há ponto de parada, e nenhum princípio limitador. Se nós adotarmos a posição de Duz Mez, de métodos pós-modernos, não haveria problema em desconstruir tudo, desde a expiação substitutiva, à Igreja, ao Credo Niceno. Muitos já estão batendo naquela porta. O teólogo ativista Robyn Henderson-Espinoza escreve:

Os caminhos de Jesus nunca tiveram a intenção de serem institucionalizados. Eles foram institucionalizados como resultado do poder e controle e das formas que o cristianismo pós-Constantino só pode ser entendido como religião do império.¹¹

Se nós aceitarmos essa visão, nós podemos prever como o argumento irá a partir daqui: o Concílio de Nicéia foi estruturado para produzir um credo que beneficiaria os interesses de ambos Constantino e seu império, enquanto ao mesmo tempo, legitimaria sua teologia, preservando suas visões permanentemente em um credo que definiu ortodoxia para o cristianismo. Mais adiante, desde que o Credo de Nicéia foi criado inteiramente por homens, o credo é deformado por ambos os interesses dos homens que o criou, e pela ausência de pessoas e mulheres queer. Isso significa que todo credo usado para definir ortodoxia foi construído sobre uma fundação patriarcal e injusta. Finalmente, desde que o credo de Nicéia foi um produto de seu tempo e lugar particular, é um produto dos preconceitos culturais daqueles que o moldaram e, portanto, não uma declaração objetiva de verdade atemporal.

O argumento acima segue naturalmente dos próprios métodos e raciocínios usados por Du Mez em *Jesus and John Wayne*. Não é preciso saber um único fato sobre o evangelicalismo americano ou uma única afirmação de fé mantida pelos

¹¹Robyn Henderson-Espinoza, *Activist Theology* (Minneapolis: Fortress Press, 2019), p. 87.

cristãos para refutar o evangelicalismo apenas com base nisso. Um leitor cristão que deseje evitar essa conclusão, ou que veja por que esse raciocínio não funciona quando aplicado ao Credo Niceno, pode duvidar de sua adoção de um livro dependente dos mesmos antecedentes.

Uma espada que corta nos dois sentidos

O mesmo ceticismo que Du Mez usa em suas críticas de várias redes evangélicas pode ser voltado contra a própria para ver quão pouco peso sua crítica deve receber.

Du Mez destaca o fato de que John Piper, Mark Driscoll e Douglas Wilson trabalharam um com o outro com certa frequência:

Wilson convidou Driscoll para falar em sua igreja; Piper convidou Wilson para discursar na conferência de seu pastor; os líderes compartilharam palcos, divulgaram os livros uns dos outros, falaram nas conferências uns dos outros e endossaram uns aos outros como homens de Deus com um coração para o ensino do evangelho. Dentro dessa rede, diferenças — divergências doutrinárias significativas, divergências sobre os méritos relativos da escravidão e da Guerra Civil — poderiam ser suavizadas no interesse de promover ‘questões divisoras de águas’ como complementarismo, proibição da homossexualidade, existência do inferno e expiação. Mais fundamentalmente, eles estavam unidos em um compromisso mútuo com o poder patriarcal.

Por meio dessa rede em expansão, líderes e organizações evangélicas “respeitáveis” deram cobertura a seus “irmãos no evangelho” que estavam promovendo expressões mais extremas do patriarcado, tornando cada vez mais difícil distinguir as margens do mainstream. Com o tempo, um compromisso comum com o poder patriarcal começou a definir os limites do próprio movimento evangélico, como descobriram rapidamente aqueles que se chocavam com essas ortodoxias.¹²

À luz desses comentários, o que devemos fazer com o fato de que Robyn Henderson-Espinoza (o teólogo mencionado anteriormente que disse que todo o cristianismo pós-Constantino é uma “religião-império”) dividiu um palco com Brian McLaren e que Brian McLaren endossou o livro de Henderson-Espinoza e *Jesus and John Wayne?*

¹²Du Mez, *Jesus and John Wayne*, p. 244.

O que devemos fazer com o fato de que, em resposta ao endosso de McLaren, Du Mez disse: “E @brianmclaren também está nisso, mas ele é um dos mocinhos”?¹³ Já que Du Mez está endossando McLaren como “um dos os mocinhos”, e já que McLaren endossou o próprio livro em que Henderson-Espinoza declarou que todo o cristianismo pós-Constantino é uma religião do império, agora podemos tirar conclusões sobre Du Mez da mesma forma que ela tira conclusões sobre os outros? Este livro divulgando, endossando e compartilhando estágios não é exatamente o que Du Mez diz que Piper, Wilson e Driscoll fizeram quando ela junta os três?

Du Mez deixa claro que ela deseja examinar cautelosamente as redes de contatos do evangelicalismo americano:

Tentei me esforçar para diferenciar mesmo quando identifiquei afinidades. E muitos evangélicos são moldados pelo mainstream e influências ‘extremistas’. O que é um recurso e o que é um bug? Podemos descer em lugares diferentes, mas esta é uma questão essencial. [Para que conste], continuo mais convencida agora do que nunca de que é de fato ‘a relação entre os centros e as margens que exige escrutínio’.¹⁴

Du Mez é ávida a “interrogar” o informal (algumas vezes formal) uso das redes de contato cristãs para espalhar suas ideias. Nós podemos fazer as mesmas coisas com Du Mez e suas ideias. Vamos mapear quem no lado progressista está se colocando em plataforma, compartilhando palcos, impulsionando sinais e criando redes informais e formais para espalhar ideias progressistas. Vamos ver onde Kristin Kobes Du Mez se encaixa nessa rede, de quais relacionamentos ela se beneficia e quais ideias as pessoas com quem ela está associada estão promovendo. Talvez possamos reinterpretar (e talvez até desconstruir) o trabalho de Kristin Du Mez com base em como essas perguntas são respondidas.

Du Mez é enganada por seu próprio padrão. Para citar Jesus: “Pelas tuas palavras serás absolvido e pelas tuas palavras serás condenado”.

De fato.

Os métodos, atitudes e raciocínios pós-modernos que Du Mez usa dissol-

¹³Kristin Du Mez, post no Twitter, 21/02/2020, 7:14 p.m., <https://twitter.com/kkdumez/status/1231009208532979713>.

¹⁴Kristin Du Mez, post no Twitter, 29/01/2021, 10:33 p.m., <https://twitter.com/kkdumez/status/1355358423701999618?s=20&t=dEaTFifQSEk3As57T6vCZA>.

verão tudo a que se aplicam. Nada pode sobreviver ao banho de ácido da análise pós-moderna. A diferença entre esses métodos e os métodos do pensamento cristão é a diferença entre iluminar o mundo e incendiá-lo.

Em seu livro *On deconstruction*, Jonathan Culler diz: “O efeito das análises desconstrutivas, como muitos leitores podem atestar, é conhecimento e sentimentos de domínio.”¹⁵

No entanto, deixe o leitor entender: embora o primeiro gole de desconstrução e pós-modernismo tenha gosto de maestria e libertação, o relativismo e o niilismo estão esperando por você no fundo do copo.

Publicado originalmente em *American Reformer*,
em 11 de março de 2022.
Publicado com permissão.



Michael Young

Sobre o autor

É um escritor e pesquisador focado em cultura, filosofia política e a ascensão do pós-modernismo. Ele também é Visiting Fellow for Culture no Center for Renewing America. Seus ensaios, que foram fundamentais para moldar a reação contra o marxismo cultural, bem como o pós-modernismo e a justiça social crítica, podem ser encontrados no *Counterweight*.

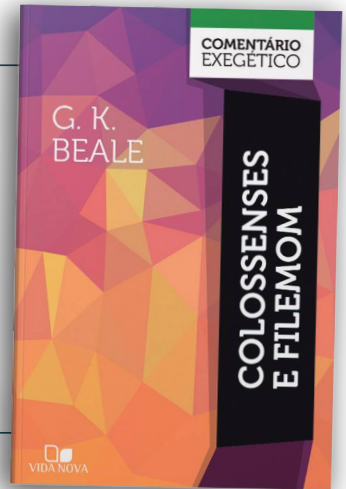
¹⁵Jonathan Culler, *On deconstruction: theory and criticism after structuralism* (Ithaca: Cornell University Press, 1982), p. 225.

Lançamentos

Colossenses e Filemom: comentário exegético

G. K. Beale | 16x23 cm | 720 p.

Neste extraordinário livro, G. K. Beale, um dos mais importantes estudiosos do Novo Testamento e autor best-seller, oferece um comentário evangélico fundamental sobre Colossenses e Filemom. Com ampla pesquisa e criteriosa exegese capítulo a capítulo, Beale conduz o leitor por todos os aspectos sociológicos, históricos e teológicos de Colossenses e Filemom, a fim de ajudá-lo a compreender melhor o sentido e a relevância dessas duas epístolas importantes.

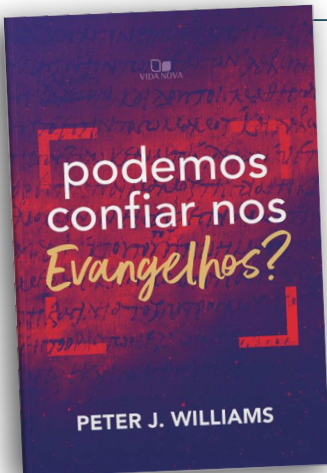


Podemos confiar nos Evangelhos?

Peter J. Williams | 14x21 cm | 176 p.

Peter Williams, um dos maiores especialistas do Novo Testamento, ao apresentar uma defesa da confiabilidade histórica dos Evangelhos, examina evidências de fontes não cristãs, avalia a precisão com a qual as quatro narrativas bíblicas refletem o contexto cultural de seus dias, compara diferentes relatos dos mesmos eventos e analisa a forma que esses textos foram transmitidos ao longo dos séculos.

Podemos confiar nos Evangelhos? é um livro escrito para todos. Do cético ao crente, do leigo ao erudito, todos encontrarão argumentos poderosos para confiar nos Evangelhos como relatos seguros da vida terrena de Jesus.

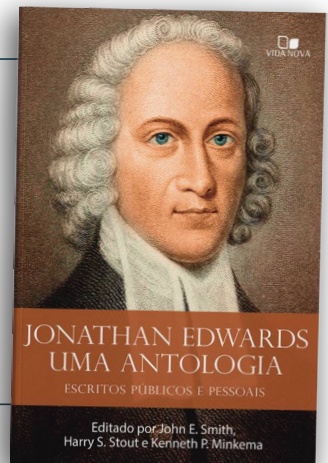


Jonathan Edwards, uma antologia

Escritos públicos e pessoais

Jonathan Edwards | 16x23 cm | 384 p.

A partir da coleção *The works of Jonathan Edwards* [As obras de Jonathan Edwards], publicada em vários volumes pela Yale University Press, os editores John E. Smith, Harry S. Stout e Kenneth P. Minkema prepararam uma seleção cuidadosa de tratados, sermões e escritos autobiográficos do maior teólogo e filósofo dos primórdios dos Estados Unidos.



A minha graça te basta

A mensagem de 2Coríntios para a igreja de hoje

Augustus Nicodemus Lopes | 14x21 cm | 672 p.

Nesta obra, você encontrará a riqueza da Carta de 2Coríntios, que nos ensina a reagir corretamente aos sofrimentos causados por críticas, impopularidade e por opositores implacáveis que surgirão no ministério e, por fim, traz alento para todos os cristãos, pastores, líderes e irmãos em nossas igrejas que têm sofrido por causa do evangelho. Um encorajamento para permanecerem firmes e fiéis no Senhor da igreja.



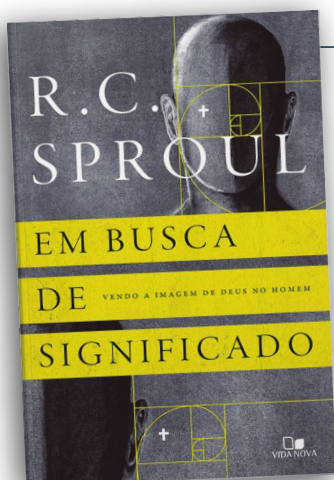
Em busca de significado

Vendo a imagem de Deus no homem

R. C. Sproul | 14x21 cm | 272 p.

Todo ser humano quer ser tratado com dignidade e valor. Quando não somos respeitados, sofremos. Embora o anseio por respeito resulte muitas vezes em uma extrema concepção de pecado, esse desejo não é errado.

Neste livro, R. C. Sproul lança luz sobre os muitos obstáculos contrários à nossa dignidade — em casa, na escola, no hospital, na prisão, na igreja e no local de trabalho —, e também ilumina as novas maneiras de amar e servir uns aos outros.



Evolução teísta

Uma crítica científica, filosófica e teológica

Wayne Grudem, J. P. Moreland, Stephen C. Meyer, Christopher Shaw e Ann K. Gauger | 16x23 cm | 1024 p.

Neste livro, mais de vinte cientistas, filósofos e teólogos renomados da Europa e da América do Norte refutam essa proposta e documentam problemas evidenciais, lógicos e teológicos da evolução teísta, o que faz da presente obra a crítica mais abrangente produzida até hoje sobre o tema.

